

ESPECIAL

Sionismo cristão

Conheça o significado deste fenômeno, a maneira como afeta a compreensão da Guerra em Israel e seus efeitos na fé reformada no Brasil. **Pág. 30**

REFLEXÃO

Antropologia bíblica

Como o estudo do ser humano ajuda a compreender personagens bíblicos. **Pág. 22**

AÇÃO SOCIAL

Fundação Presbiteriana de São Paulo

História, projetos e testemunhos.

Pág. 51





FATEPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA

TEMA: A RELEVÂNCIA DAS ESCRITURAS NO SÉC. XXI

DESCRIÇÃO DO EVENTO

Este evento oferecerá uma análise aprofundada e multifacetada da influência bíblica em nosso mundo moderno, sob o mesmo tema unificador. O congresso visa promover um diálogo construtivo sobre questões teológicas e espirituais cruciais, facilitando o intercâmbio de ideias e experiências entre teólogos, acadêmicos, líderes religiosos e o público em geral. Explore como os ensinamentos da Bíblia podem ser aplicados de forma significativa e relevante em diversas áreas da vida contemporânea, incluindo pastoral, espiritualidade, missão, diaconia, literatura e até mesmo inteligência artificial.



Preletora

Dra. Sofía Quintanilla

Teóloga e biblista do AT, vice reitora do SETECA -
Seminário Teológico Centro-Americano
em Guatemala.



OFICINAS



Bíblia e Pastoral
Profa Shirley Proença



Bíblia e Espiritualidade
Prof. Valdinei Ferreira



Bíblia e Missão
Prof. Timóteo Carriker



Bíblia e Diaconia:
Prof. José Adriano Filho



Bíblia e Literatura
Prof. João Leonel



“Lectio Digitalis”: Transformando
o Estudo da Bíblia com
Inteligência Artificial
Prof. José Roberto Cristofani

Cada inscrito poderá participar de duas oficinas. Não se preocupe se não puder participar das demais oficinas ou se estiver participando do Congresso na modalidade online. Todas as oficinas serão gravadas e disponibilizadas posteriormente através de um link com senha de acesso.

Não perca a oportunidade de participar deste encontro inspirador! Além das palestras principais, ofereceremos oficinas conduzidas por renomados biblistas, em diálogo com diversas áreas da teologia. Haverá também espaços dedicados para a apresentação de comunicações. Se você é pastor(a), estudante de teologia ou pesquisador(a), encontrará aqui um ambiente rico para reflexão e aprendizado. **Inscreva-se agora mesmo!**

21 a 24 OUTUBRO 2024

**EVENTO PRESENCIAL
E ONLINE**

Mediante inscrição no site da FATIPI

Realização:



FATIPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil



FUNDAÇÃO
EDUARDO
CARLOS
DEIDDA

Apoio



IGREJA
PRESBITERIANA
INDEPENDENTE DO BRASIL



FUNDAÇÃO
PRESBITERIANA
de São Paulo



ultimato



ceti
Comunidade de
Estudos Teológicos
Interdisciplinares



PENDÃO
REAL



VIAGENS
Home Based Depaula Gomes



ULSÃO



ASSOCIAÇÃO DE
SEMINÁRIOS TEOLÓGICOS
EVANGÉLICOS



Catedral
Evangélica
de São Paulo



AIPRAL
Aliança de Igrejas Presbiterianas
e Reformadas da América Latina



Informações e inscrições

WWW.FATIPI.EDU.BR

ESPERANÇA E AMOR

Estima-se que cerca de 15 milhões de pessoas no mundo tenham morrido por conta da Covid-19. Desde o início da guerra da Ucrânia, em fevereiro de 2022, cerca de 50 mil pessoas morreram. Em Israel, calcula-se que desde outubro do ano passado quase 40 mil pessoas tenham sido mortas.

No Brasil, a cada dia morrem 113 pessoas vítimas da violência. Somente em 2022, foram 41.135. Lidar com esses conflitos e compreender seus efeitos pode ser muito difícil mesmo para nós, cristãos.

A Bíblia traz muitos exemplos de guerras, disputas e atos de violência. Esses registros comprovam que a morte violenta, as pestes e assassinatos sempre estiveram presentes na história da humanidade, desde a queda do homem e o surgimento do pecado.

Mas como podemos lidar com estes conflitos e os sentimentos decorrentes deles? De que maneira podemos interceder junto ao Criador para que o mundo se torne um lugar mais pacífico?

Esta edição da Revista Visão

foi pensada justamente para a reflexão sobre estes temas. Na matéria de capa (*página 30*), sob a orientação do Rev. Júlio Zabatiero, apresentamos um texto esclarecedor sobre o sionismo cristão. O artigo traz, de forma esclarecedora, a diferença entre o Israel Bíblico e o Estado de Israel.

Outro texto interessante é a reflexão apresentada pela professora da Escola Dominical Célia Curcio (*página 22*), que apresenta o conceito de antropologia bíblica como ferramenta para a compreensão do comportamento humano.

Ainda neste número, apresentamos a origem da Escola Dominical (*página 18*), detalhes sobre a Fundação Presbiteriana de São Paulo, e testemunhos de vidas transformadas por meio dos projetos sociais da Catedral.

Por fim, como um presente junto dos textos devocionais (*página 54*), apresentamos quatro orações inspiradoras para podermos interceder junto ao Pai pela paz neste mundo tão conturbado.

Boa leitura!

A Bíblia traz muitos exemplos de guerras, conflitos e atos de violência. Esses registros comprovam que a morte violenta, as pestes e assassinatos sempre estiveram presentes na história da humanidade, desde a queda do homem e o surgimento do pecado.



REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

06



22



30



54

Jornal da Catedral Delegação de líderes evangélicos ucranianos pede orações para o fim da guerra.	06
In Memoriam Morre Jürgen Moltmann, conhecido mundialmente como o teólogo da esperança.	14
Educação Cristã Conheça a origem da Escola Dominical e saiba como funciona a educação cristã na Catedral.	18
Reflexão Antropologia bíblica: entenda como a ciência que estuda os seres humanos pode auxiliar na interpretação.	22
Capa Sionismo cristão: de que maneira este fenômeno tem influenciado a fé reformada no Brasil.	30
Fundação Saiba como foi formada a Fundação Presbiteriana de São Paulo, fruto da junção de duas fundações.	50
Ação Social Testemunhos vivos do trabalho do Ministério de Ação Social e Diaconia - MASD da Catedral.	54
Resenhas Sugestões de leitura do presbítero Felipe Courel.	58



REPRODUÇÃO

EXPEDIENTE

A **VISÃO** é uma publicação da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

CONSELHO EDITORIAL

Rev. Reginaldo Von Zuben,
Rev. Silas de Oliveira,
Rev. Lucas Gaiofato Sacco
Presb. Italo Francisco Curcio
e Presb. Dorothy Maia

PRODUÇÃO EDITORIAL

ContentXP Comunicação & Ltda.



EDITOR Gustavo Curcio MTb 0076428/SP

REDAÇÃO:

Dorothy Maia (texto e revisão)
e **Gustavo Curcio** (texto e arte)

11 2619.0752

Endereço: Alameda Lorena, 800 |
Cj.602 São Paulo
| SP | Brasil | CEP 01424-000

Impressão: Gráfica Hawaii
Tiragem: 500 exemplares

Se você tem críticas e/ou sugestões,
envie um e-mail para comunicacao@catedralonline.com.br

CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

Rua Nestor Pestana, 152, Consolação
— São Paulo | SP 01303-010 |
BRASIL | Tel.: 00 55 11 3138.1600



www.catedralonline.com.br

Não conseguiu assistir ao concerto? Acesse o QR-Code ao lado e veja na íntegra.



CONCERTO

Coro canta Negro Spiritual na Catedral



O Coro Maestro João Wilson Faustini apresentou, no final de junho, um belo concerto de músicas do Negro Spiritual, gênero musical originado nos Estados Unidos e criado pelos negros escravizados do final do século XVIII. Com movimentos rítmicos do corpo e palmas, cantavam como manifestação de dor e sofrimento pela condição em que viviam. Canções do estilo Negro Spiritual são hinos de resistência, união, fé e desejo de libertação que ecoam através dos séculos.

Essas canções, que muitas vezes serviram como códigos secretos para fugas e símbolos de resistência, hoje se transformam em cânticos de louvor e inspiração em nossas igrejas. Elas nos lembram que a fé pode mover montanhas e que, mesmo nos momentos mais sombrios, há sempre uma luz de esperança.

A escravidão deixou marcas profundas na sociedade brasileira cujas repercussões ainda são sentidas hoje. A herança dessa violência se manifesta nas disparidades socioeconômicas, na discriminação racial e na marginalização das comunidades negras, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão. No entanto, essa história também deu origem a uma rica cultura afro-brasileira, que continua a influenciar a música, a religião, a culinária e muitas outras áreas. A compreensão e o enfrentamento desse legado são essenciais para promover a verdadeira justiça social e a igualdade no Brasil de hoje, honrando a resistência e a resiliência daqueles que lutaram e continuam a lutar contra as injustiças históricas. Iniciativas como o concerto da Catedral é uma forma poderosa de educar as novas gerações sobre a importância da resistência e da solidariedade, valores centrais ao evangelho.

A mensagem apresentada pelo Coro falou ao coração do público presente, que manifestou seu contentamento tanto nas palmas, na forma presencial, quanto pelos comentários nas redes sociais da Catedral, por meio da transmissão ao vivo. O Concerto ficou gravado no canal do youtube e pode ser apreciado no QR-Code acima! ■

REPRODUÇÃO FACEBOOK

34° SEMINÁRIO "MÚSICA E ADORAÇÃO"

Grça e Gratidão

"Pela graça sois salvos... é dom de Deus."
(Efésios 2:8)

"Entrai pelas suas portas com ações de graças."
(Salmo 100:4)

**22, 23 e 24
Agosto 2024**

25/08 | participação do coro do seminário
no culto matutino da Catedral

**Local: Catedral Evangélica
de São Paulo**
Rua Nestor Pestana, 136

Investimento

R\$100,00 (até 31/07)

R\$120,00 (a partir de 1/08)

apenas no sábado: R\$ 90,00 (Qualquer data)



Informações

11 963998100 Elizabeth

www.soemus.org.br

Inscrição Online



<https://www.eventiza.com.br/evento/34-seminario-soemus>

CANTO CORAL
ORIENTAÇÃO VOCAL
REGÊNCIA CORAL

apresentações do
"Grupo Musical Concerto" e
"Coro Masculino Intersinodal"

**Maestro
Ricardo Russo**
Regente convidado e
Oficina de
Regência Intermediária



**Maestro
Cremilson dos
Santos**
Oficina de
Regência Básica



**Maestro
Paulo Cerqueira**
Oficina de
Orientação Vocal



**Prof.
Fábio Maciel**
Pianista



VISITA ESPECIAL

Catedral recebe líderes evangélicos da Ucrânia



Em maio, a Catedral Evangélica de São Paulo recebeu um grupo de líderes da igreja evangélica ucraniana, acompanhados por representantes da Sociedade Bíblica do Brasil. O **Rev. Dr. Ivan Rusyn**, bispo adjunto da igreja evangélica ucraniana e reitor do Seminário Teológico Evangélico Ucrâniano, foi o pregador no culto daquela manhã. A tradução foi do ucraniano brasileiro **Stephan Katchuk**, que reside no Paraná. O sermão trouxe mensagem apropriada para o Dia de Pentecostes, celebrado no dia 19 de maio.

A vinda dos irmãos europeus ao País foi promovida por movimento planejado pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e Sociedade Bíblica da Ucrânia (SBU), que organizaram encontros com o fim de gerar um tempo de oração pela paz. O evento "Igrejas Oram por Justiça e Paz" teve como foco promover a reflexão sobre o período conturbado pelo qual o mundo passa. A comitiva ucraniana visitou oito igrejas no Brasil, localizadas em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Brasília. Também se reuniram com o consulado e embaixada Ucraniana no Brasil. ■

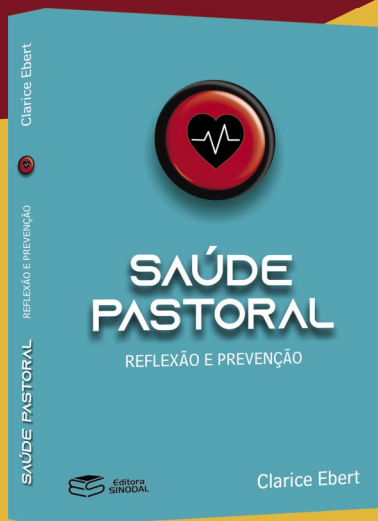


Leia bons livros



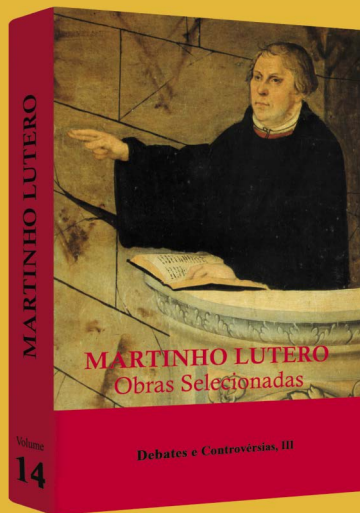
Missão Transformadora tornou-se uma referência-padrão no estudo da missão cristã mundial, sendo um dos livros mais usados em aulas e cursos de missão. Um legado quem procura entender e disseminar a causa de Cristo.

A igreja é a comunhão das pessoas santificadas por Deus, que, mesmo assim, sofrem com as loucuras do cotidiano. Este livro motiva a cuidar das pessoas e apresenta a igreja como um lugar de acolhimento e de cuidado.



Este livro aborda temas próprios do trabalho e das relações pastorais e oferece uma análise que contribui para a saúde pastoral. Trata-se de uma leitura essencial para pastores e pastoras e lideranças comunitárias.

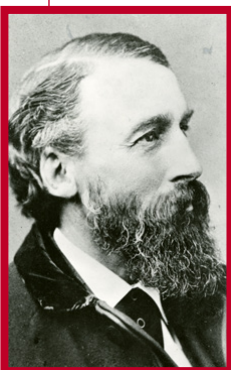
O presente volume reúne nove escritos polêmicos de Lutero em três blocos: contra a “igreja papal”, contra os “entusiastas” e a mudança de postura de Lutero em relação aos judeus: da esperança de conversão à fé cristã ao ceticismo.



HINOS DA NOSSA HISTÓRIA

Chuvas de Bênçãos

There Shall Be Showers of Blessing



Chuvas de Bênçãos, número 234 do hinário Cantai Todos os Povos (CTP), foi um dos hinos cantados na noite de 31 de julho de 1903, quando da constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Muitas igrejas evangélicas brasileiras cantam *Chuvas de Bênçãos*, cuja letra é de autoria de **Daniel Webster Whittle** (1840 - 1901) e a música, de James McGranahan (1840-1907). Durante a guerra civil norte-americana, o “Major Whittle” teve seu braço direito amputado e acabou em um campo de prisioneiros de guerra, onde teve acesso a um exemplar do Novo Testamento. A leitura e a meditação no texto bíblico o levaram à conversão a Cristo. Terminada a guerra, tornou-se evangelista e compôs muitas outras canções – estima-se que mais de 200 –, usando os pseudônimos D.W.W., El Nathan e outros.

James McGranahan era músico norte-americano que estudou durante anos para se tornar cantor de ópera. No entanto, depois de sua conversão e influenciado pelo amigo, também cantor evangélico, Philip Bliss, decidiu colocar seus talentos a serviço do Reino. McGranahan e Whittle conheceram-se por ocasião da morte de Bliss em trágico acidente de trem. O autor da letra de “Chuvas de Bênçãos” e o compositor da melodia tornaram-se amigos e parceiros na evangelização, atuando nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Irlanda.

A tradução do hino “Chuvas de Bênçãos” para o português foi feita por **Salomão Luiz Ginsburg** (1867-1927), polonês de família judaica que chegou ao Rio de Janeiro em 1890, ligando-se à Igreja Fluminense.

There Shall Be Showers of Blessing

1. There shall be show-ers of ble - sing: This is the pro-mise of love;
 2. There shall be show-ers of bles - sing: Pre-cious re - vi - ving a - gain;
 3. There shall be show-ers of bles - sing: Send them up - on us, O Lord;
 4. There shall be show-ers of bles - sing: Oh, that to - day they might fall.

There shall be ses - sons re - fre - shing, Sent from the Sa - vior a - bove.
 O - ver the hills and the val - leys, Sound of a - bun-dance of rain.
 Grant to us now a re - fre - shing, Come, and now ho - nor Thy word.
 Now as to God we're con - fes - sing, Now as on Je - sus we call!

Sho - wers of bles - sing, Sho - wers of bles - sing we need:
 Sho - wers, sho - ers of bles - ing.

Mer - cy - drops round us are fal - ling, But for the sho - wers we plead.



Fontes: hinologia.org; metodista.org.br; luteranos.com.br

Transforme vidas com um simples gesto.

Uma única doação
de sangue pode
salvar até 4 vidas.

Esse ato de solidariedade é
capaz de mudar o destino de
pessoas em momentos críticos.
Doe sangue hoje e seja a
esperança que alguém precisa.

www.prosangue.sp.gov.br



PRÓ SANGUE
HEMOCENTRO DE SÃO PAULO

Secretaria de
Saúde



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

COMUNHÃO

Day Camp, um dia de comunhão



Uma das finalidades da igreja é a comunhão entre os membros da família da fé. Momentos para o compartilhamento do pão e conversa descontraída são formas de fortalecer a união entre as pessoas. No entanto, numa cidade como São Paulo, nem sempre é fácil obter espaço na agenda e até mesmo local adequado para reuniões. Por isso o evento Day Camp teve impacto tão positivo para a Primeira Igreja. Foi a receita perfeita: um encontro em dia de sol, em espaço com natureza exuberante e instalações apropriadas para receber famílias de todos os tamanhos. O Day Camp aconteceu no dia 18 de maio, na Chácara Colibri, em Itapeverica da Serra, localizada na Grande São Paulo. Na companhia dos pastores, as famílias - totalizando 150 pessoas - participaram das atividades nas piscinas, no campo de futebol e no salão de encontros, com direito a café da manhã, almoço e lanche. Certamente a saúde da igreja saiu fortalecida. Que venham outros dias no campo! ■



Nunca foi tão desafiador manter a mente sã.

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12,2)

Leia os livros do teólogo,
psicólogo e pastor Leontino Farias.

- O autoconhecimento na clínica da Psicanálise Humanista
- A formação do caráter- Visão de Erich Fromm
- A Psicanálise em movimento
- Reencontre a alegria de viver
- Faça seu casamento dar certo
- Para enriquecer sua espiritualidade
- Lidando com os conflitos da vida

Escreva para: leontinofarias@hotmail.com.br
WhatsApp: 11 99596.3275



Imagens meramente ilustrativas.



LEGADO PERENE

NO ÚLTIMO DIA 3 DE JUNHO
FALECEU JÜRGEN MOLTANN,
TEÓLOGO ALEMÃO CONHECIDO
MUNDIALMENTE PELA
RELEVÂNCIA DE SUA OBRA,
BASEADA NA TEOLOGIA.
SUA CONVERSÃO ACONTECEU
DURANTE A GUERRA,
COMO PRISIONEIRO.

Texto **Presb. Gustavo Curcio**



Linha do tempo

★ 1926

Nasce num
casebre rústico
em Hamburgo,
na Alemanha.



1943

É integrado ao
Wehrmacht —
conjunto das
forças armadas
da Alemanha
durante o
Terceiro Reich —
aos 17 anos.



1945 ✈

Combate o exército holandês
na Segunda Guerra Mundial e é feito
prisioneiro de guerra dos ingleses na
Bélgica, na Escócia e sucessivamente na
Inglaterra Central, no Norton Camp, em
Nottinghamshire. Na foto, soldado inglês
dá cantil de água para prisioneiro alemão.

1948

RETORNA DO
CATIVEIRO E OPTA
PELA TEOLOGIA EM
VEZ DOS ESTUDOS EM
CIÊNCIAS EXATAS QUE
DESENVOLVIA NA
UNIVERSIDADE DE
GÖTTINGEN.



A teologia protestante tem produzido, ao longo dos séculos, pessoas que se tornaram referência para o pensamento cristão mundial – por exemplo, no século XVIII, Friedrich Schleiermacher; na primeira metade do século XX, Karl Barth; e na segunda metade, Jürgen Moltmann. Nascido em 1926, na cidade de Hamburgo, Alemanha, o Dr. Moltmann converteu-se num campo de prisioneiros da Segunda Guerra Mundial. Ao retornar para seu país, empreendeu carreira teológica ímpar. Vida longa e carreira intelectual profícua fizeram com que este teólogo reformado continuasse interpretando a realidade à luz da Palavra de Deus.

Aos 38 anos publicou *Teologia da Esperança*, obra que marcou o pensamento teológico e deu início a um processo de revitalização das práticas eclesiais no mundo

reformado e até fora dele.

O Dr. Moltmann esteve no Brasil três vezes: em 1977, 2008 e 2011. Em 2008, a Universidade Metodista de São Paulo ofereceu-lhe o título de Doutor *Honoris Causa* como reconhecimento pelo conjunto de sua obra teológica e atuação no campo da educação. Em 1997, o Rev. Abival Pires da Silveira, então vice-presidente da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, encontrou-se com ele em Seul, na Coreia, em uma das reuniões da AMIR. Em 2016 perdeu sua esposa, Elisabeth, e lançou seu último livro, sobre morte e ressurreição.

Jürgen Moltmann foi capa da revista **USÃO** na primeira edição após a reformulação editorial da publicação, com entrevista exclusiva, de grande relevância cultural e teológica. Confira alguns trechos publicados na ocasião.



1952

Termina os estudos em Teologia na Universidade de Göttingen (foto).



É ordenado pastor da Igreja Reformada (calvinista) e designado para servir na cidade de Bremen. Atua como professor de História do Dogma e Teologia Sistemática para a Kirchliche Hochschule de Wuppertal (foto).

1953

1958



Leciona na Universidade de Bonn (foto).



**LANÇA O LIVRO
TEOLOGIA DA
ESPERANÇA.**



FOTOS REPRODUÇÃO

1957

IN MEMORIAM

V: Qual é a sua visão sobre as relações do protestantismo com o pluralismo cultural da atualidade?

JM: A globalização impõe à sociedade um modelo de pluralismo e universalização cultural. Os conglomerados urbanos deram origem a gigantescas metrópoles. São Paulo foi uma das primeiras megacidades, com grandes edifícios, viadutos e rodovias convivendo no mesmo espaço. Em meio à dinâmica dessa grande estrutura reúnem-se pessoas de diferentes culturas, religiões, raças e tradições. Em muitos casos, esses encontros são frutíferos. Às vezes, acabam por segregar grupos que não passam de atração folclórica para turistas. De certa forma, em meio a

essa mistura étnica, as igrejas protestantes históricas vivem hoje algo semelhante à Igreja cristã primitiva. Estão em minoria, e diante disso acabam por perder suas tradições e privilégios. Com isso, param de crescer. O protestantismo, de maneira geral, é minoria em toda a América Latina e tem um enorme potencial de crescimento — bem explorado pelos pentecostais.

V: O papa Francisco é o primeiro vindo da América Latina. Qual a importância de um papa vindo de uma região pobre?

JM: Estou totalmente de acordo com a teologia política do papa Francisco. Quando ele publicou a encíclica *Evangelii Gaudium*, eu tinha acabado de

lançar meu livro *O Deus vivo e a plenitude da vida*. Assim que escreveu a encíclica *Laudato si*, eu publiquei com Leonardo Boff o livro *Há esperança para a criação ameaçada?*. Francisco é uma bênção não apenas aos católicos, mas a toda a Igreja cristã espalhada pela Terra, sobretudo para os mais pobres que têm esperança em Cristo.

V: O senhor esteve algumas vezes no Brasil. Quais foram as suas principais impressões sobre o país?

JM: Stefan Zweig, no início do século, disse: “O Brasil é o país do futuro”. O povo brasileiro é cheio de esperança e tem amor pela vida. Fico impressionado como ao longo de tantos anos as praias de Copacabana



e Ipanema continuam de uso público e não foram privatizadas. Parece estar no DNA do Brasil lidar bem com as questões da imigração e da coexistência de culturas e religiões diferentes. Cabe ao Estado brasileiro não ceder aos guetos e estados paralelos das favelas dominados pelo tráfico de drogas em cidades como o Rio de Janeiro. É do morro que se pode avistar o Corcovado e a Baía de Guanabara, duas das mais belas paisagens do mundo.

V: Muitos de seus livros foram traduzidos para o português e são bastante utilizados nos cursos teológicos no Brasil. Além das visitas ao Brasil, o senhor conseguiu acompanhar as repercussões

de seus conceitos teológicos em nosso país?

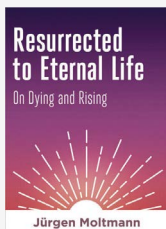
JM: Fico feliz quando penso que meus livros foram traduzidos para o português. Sei que no Brasil minha produção é lida por católicos, metodistas, presbiterianos e pentecostais, dos quais recebo muitas correspondências. Este sempre foi meu objetivo: ser um teólogo reformado que divide o tempo entre Genebra e Princeton. Todo teólogo alemão tem no coração um quê luterano e um pouco de Hegel. Assim como todo missionário e pregador do Evangelho, eu quero gozar da libertação “que a vida dá”.

V: O que você quer dizer com a “doutrina trinitária da liberdade”?

JM: Essa é a doutrina do amor incondicional de Deus, que nos deixa livres para fazermos nossas escolhas. Essa liberdade era o meu sonho em 1946 e continua sendo até hoje.

V: Responda em poucas palavras: por que você é cristão?

JM: Porque encontrei a Cristo quando achei que tinha sido esquecido por Deus durante a Guerra, em 1946. Desde então, Ele está comigo e é por meio d’Ele que despertarei quando morrer. Eu penso e escrevo teologicamente sobre as lutas que envolvem as experiências da vida e da morte. Hoje trabalho a “teologia da paciência” dentro da perspectiva da “teologia da esperança” num pensamento realista e sustentável. ■



2024

Faleceu no dia 3 de junho, em Tübingen, Alemanha aos 98 anos. Deixou 4 filhas.

LANÇA O LIVRO MORTE E RESSURREIÇÃO (ÚLTIMO)

2016

Quando sua esposa Elisabeth morreu, em 2016, ele escreveu seu último livro sobre morte e ressurreição.



“Parece estar no DNA do Brasil lidar bem com as questões da imigração e da coexistência de culturas e religiões. Cabe ao Estado brasileiro não ceder aos guetos e estados paralelos das favelas dominados pelo tráfico de drogas em cidades como o Rio.”

UMA UTOPIA DO REINO DE DEUS

A PRIMEIRA ESCOLA DOMINICAL NASCEU HÁ QUASE 250 ANOS, NA INGLATERRA.

DESDE ENTÃO, TORNOU-SE SÍMBOLO DA FÉ REFORMADA, COMO PARTE

FUNDAMENTAL DA EVANGELIZAÇÃO E DO ENSINO BÍBLICO. CONHEÇA A ED DA

PRIMEIRA IGREJA, SOB OS CUIDADOS DO REV. SILAS DE OLIVEIRA.

Texto **Dorothy Maia**

No dia 20 de julho de 1780, na sala de uma casa simples da cidade de Gloucester, na Inglaterra, um grupo de crianças pobres e barulhentas juntava-se para ter uma experiência até então nunca vivida: aprender a ler. Era domingo, e elas não iriam trabalhar nas fábricas naquele dia, mas também não ficariam pelas ruas brincando e brigando, como era o costume. Um certo senhor Robert Raikes disse que aproveitaria aquele dia de folga para ensiná-las a ler. Nascia naquele momento a primeira Escola Dominical do mundo.

A ideia de Raikes, jornalista e filantropo anglicano, de criar uma escola que funcionasse aos domingos e ensinasse fundamentos cristãos, boas maneiras, moral e civismo deu muito certo e rapidamente se espalhou para outras cidades e para fora da Inglaterra.

No Brasil, a primeira Escola Dominical teve início na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, com os missionários escoceses Robert e Sara Kalley, em 19 de agosto de 1855. Já a primeira Escola

Dominical presbiteriana ocorreu no dia 22 de abril de 1860, no Rio de Janeiro, por iniciativa do Rev. Ashbel Green Simonton.

A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, a Catedral Evangélica de São Paulo, prima por sua Escola Dominical como parte da Educação Cristã que pratica. Ao longo de sua história o ensino da Palavra de Deus sempre ocupou lugar de destaque. Até mesmo durante a pandemia de Covid-19, as aulas foram mantidas: eram gravadas e publicadas nas redes sociais da Catedral. O zelo pode ser aferido pela decisão de manter um pastor dedicado a esta área, valorizada por sua importância na vida dos membros, das famílias e da própria comunidade. Atualmente, o Rev. Silas de Oliveira, que possui amplo currículo na área do ensino, é o pastor responsável pela Educação Cristã na Primeira Igreja.

Nesta entrevista à **VISÃO**, ele fala das atividades desenvolvidas, do planejamento, dos professores e voluntários envolvidos e dos planos para o futuro. ■



ROBERT RAIKES E A ESCOLA DOMINICAL. Na imagem acima, alunos da escola fundada pelo pioneiro. Abaixo retrato de Raikes em óleo sobre tela, acervo da George Romney National.



REV. SILA DE OLIVEIRA pastor responsável pela Educação Cristã na Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.



Qual a importância da Escola Dominical na vida pessoal e familiar?

Rev. Silas de Oliveira: A

Escola Dominical surgiu devido à preocupação com a família, a começar pelas crianças, que foram o objetivo principal Robert Raikes, criador da Escola Dominical na Inglaterra, em virtude, principalmente, da situação social em que elas e suas famílias viviam. Com o passar dos anos, todas as faixas etárias foram sendo alcançadas por meio do ministério da ED. Importante destacar que a ED é um dos braços da Educação Cristã, tendo se tornado indispensável para a formação integral do povo de Deus e de suas famílias. Através da ED, pais e filhos crescem no conhecimento da Palavra, são orientados nas doutrinas do evangelho e educados no

exercício de uma cidadania que promova os valores e os princípios do Reino de Deus.

Quais são as atividades de Educação Cristã na Primeira Igreja?

SO: Atualmente, de forma específica, na ED estamos divididos em ministérios, que atendem as faixas etárias infantil, adolescentes, jovens e adultos. Contudo, o Ministério de Educação Cristã envolve todas as áreas da igreja, em seus mais diversos ministérios. Temos, por exemplo, o Ministério de Casais no Caminho, que se reúne mensalmente, em grupos, para estudos específicos sobre as questões familiares. No Ministério de Música realizamos um encontro quinzenal com os coros da igreja, visando a estudos específicos sobre a área, além do crescimento espiritual dos coralistas.



“Vivemos em uma sociedade dominada pela agitação, que nos incentiva às mais diversas justificativas, quando o assunto é o domingo pela manhã. Nossas crianças e adolescentes ‘leem’ nossas atitudes e compromissos com a igreja. Uma Educação Cristã com resultados saudáveis está baseada no compromisso da família com a Casa de Deus, e nos compromissos dos pais quando da Profissão de Fé e Batismo dos seus filhos.”

Rev. Silas de Oliveira

Como funciona o planejamento de cada área?

SO: Em relação à ED, realizamos reuniões bimestrais com os seguintes eixos e objetivos:

1) Avaliação da caminhada, visando corrigir rotas e planejamentos futuros; 2) “Treinamento pedagógico”, ocasião em que conversamos sobre temas da Educação Cristã e suas relações com a sociedade e a comunidade de fé; 3) Planejamento futuro, com vistas

à atuação de cada professor e professora em sua respectiva área e tema a ser desenvolvido. Quanto aos Casais no Caminho, planejamos o tema geral e os assuntos específicos relacionados a ele. O grupo se subdivide em outros menores, que se encontram nos lares ou na própria igreja e, sempre após os encontros de todos os subgrupos, realizamos uma reunião com os coordenadores para avaliação

e correções, se necessárias. Já os estudos realizados com os coros estão em início de caminhada e, em acordo com a Comissão de Música, Liturgia e Eventos, definimos as principais necessidades a serem tratadas a partir do conteúdo bíblico.

Como são escolhidos os professores?

SO: Todos sabemos que a liderança da igreja é composta, em sua maioria, por pessoas

voluntárias. São irmãos e irmãs que se dispõem a servir com seus dons e talentos. Há riqueza de recursos humanos presentes na vida da Primeira Igreja, e somos gratos a Deus por isso. A equipe é escolhida e treinada a partir da vocação individual de cada membro, ou seja, há pessoas que foram chamadas para ensinar a determinada faixa etária, e que precisam de recursos didáticos e pedagógicos para o melhor

desenvolvimento do trabalho.

Revista Visão - Quais requisitos são necessários para dar aulas na ED?

SO: Importante destacar que, no ministério de Educação Cristã, boa vontade apenas não é suficiente. Fazem-se necessários dedicação e desejo para o aprendizado, busca de conhecimento, boas leituras e pesquisa na área. Isso proporcionará boa qualidade às aulas, e melhor

aproveitamento por parte de todos. O maior exemplo é o próprio Jesus, o Mestre por excelência, e sua atitude pedagógica em relação aos seus discípulos. Antes de colocá-los à frente na “sala de aula”, treinou-os por longo tempo, para que tivessem ferramentas e conteúdos suficientes para a prática do verdadeiro ensino a respeito do Reino de Deus. Nenhum educador ou educadora deverá exercer a prática do ensino da Palavra de Deus de maneira improvisada.

Quais são as maiores dificuldades na área de Educação Cristã na Primeira Igreja?

SO: A esta pergunta vale uma observação em especial. Ao longo de muitos anos fui privilegiado pelo fato de trabalhar na área da educação na IPI do Brasil. Visitei e conheci numerosas igrejas do nosso país. Algumas com excelentes recursos didáticos, pedagógicos e humanos. Outras, a maioria, com profundas dificuldades, onde

pessoas voluntárias dão tudo de si para que a ED continue sendo instrumento de ensino da Palavra de Deus. Podemos afirmar que somos uma dessas igrejas privilegiadas. Temos pessoas dedicadas ao ensino e recursos à nossa disposição. Porém, penso que a maior dificuldade está no compromisso, principalmente dos pais, em relação à Educação Cristã dos seus filhos.

Por que a Educação Cristã é importante na vida das crianças?

SO: Vivemos em uma sociedade dominada pela agitação, que nos incentiva às mais diversas justificativas, quando o assunto é o domingo pela manhã. Nossas crianças e adolescentes “leem” nossas atitudes e compromissos com a igreja. Uma Educação Cristã com resultados saudáveis está baseada no compromisso da família com a Casa de Deus, e nos compromissos dos pais quando da Profissão de Fé e Batismo dos seus filhos. Esta é uma

utopia do Reino de Deus que desejo continuar buscando, pois acredito que famílias estruturadas na Palavra de Deus geram igrejas fortes e saudáveis, que anunciam o evangelho da paz e promovem a verdadeira comunhão do povo de Deus, não se deixando contaminar por qualquer vento de doutrina.

Quais são os planos de futuro para a Educação Cristã na Primeira Igreja?

SO: Resumo esta resposta em três grandes eixos: o primeiro refere-se a algo que já está em desenvolvimento, porém, merece destaque e ampliação. Refiro-me ao treinamento de professores e professoras. Necessitamos ampliar o tempo de trabalho, oferecendo cada vez mais capacitação à equipe, por meio de encontros com maior tempo de pesquisa, e isso em todas as faixas etárias. O improvisado não faz parte do planejamento divino. O conhecimento da faixa-etária a ser

trabalhada, somado à metodologia específica, proporcionará melhores resultados tanto no individual, quanto no coletivo. O segundo eixo refere-se à elaboração de um currículo a curto, médio e longo prazo, que deverá contemplar da lactância aos idosos. Aliás, é preciso destacar que a faixa etária de idosos da nossa igreja contempla um número alto de pessoas, e estas vidas preciosas têm muito a ensinar às novas gerações. Por fim, elaborado e aprovado o currículo, precisamos iniciar a produção de material, contando com a ajuda de pessoas vocacionadas e capacitadas que temos em nossa igreja.

Que mensagem o sr. deixa para a igreja em relação ao tema da Educação Cristã?

SO: Como citei, a ED é um dos instrumentos de Educação Cristã para a vida da comunidade de fé. À luz da Palavra de Deus, todos os ministérios

da igreja são chamados a ensinar com qualidade e responsabilidade. Nenhum ministério prosperará sem o zelo do aprendizado com base na Palavra de Deus. Uma liderança forte e comprometida sempre estará fundamentada nos alicerces sólidos do evangelho, de tal forma que haverá fortalecimento e comunhão do Corpo de Cristo, tudo para a honra e glória de Deus. ■



REFLEXÃO

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A ANTROPOLOGIA BÍBLICA

ENTENDA COMO A ANTROPOLOGIA, ESTUDO DO SER HUMANO,
PODE SER UMA FERRAMENTA IMPORTANTE PARA A COMPREENSÃO DO
COMPORTAMENTO DOS PERSONAGENS RELATADOS PELOS TEXTOS BÍBLICOS.

Texto Célia Fudaba Curcio

DAVI COM A CABEÇA DE GOLIAS é uma pintura a óleo sobre madeira de Rembrandt datada de 1657. Retrata o relato do texto bíblico registrado em 1Samuel 17:57-58.



A leitura da criação, conforme se lê nas Escrituras, revela o cuidado especial com que Deus criou o homem e a mulher, à sua própria imagem, conforme a sua semelhança, para dominar as criaturas das águas, do ar e da terra.

Quando se lê a sequência dos relatos na Bíblia, percebe-se a dedicação divina em preparar o ser humano para realmente ser a sua imagem, de perfeição, de santidade.

Tendo em vista essas premissas, entender a formação da humanidade e consequentemente a produção humana, como a linguagem, os hábitos, as crenças, a intelectualidade e as ciências, pode ser um caminho para se compreender melhor o Criador.

Dessa forma, remete-se à Antropologia, ciência social que procura compreender a formação da humanidade, tanto por meio de pesquisas arqueológicas, como da compreensão cultural das sociedades e da formação humana. Quando se analisa sua etimologia, *antropos* = homem, humanidade; *logos* =

estudo, tratado, pode-se, de modo geral, afirmar que a Antropologia representa o estudo do homem, como ser biológico, social e cultural. Torna-se assim possível extrapolar e afirmar que, para o cristão, a Antropologia representa o estudo do ser humano, criado à imagem e semelhança do próprio Deus, portanto, o estudo de toda a humanidade, todos os povos e nações, indistintamente.

Particularmente, sob o ponto de vista etnográfico, a cultura e comportamento do povo judeu se encontram, durante os relatos bíblicos, detalhadamente descritos nos registros dos Antigo e Novo testamentos, salientando-se as relações entre cultura e personalidade, construção de padrões culturais, além de comparações com outras etnias e seus costumes.

A partir desses registros, verdadeiros documentos etnográficos, pode-se estudar a construção e identificação de padrões culturais do povo judeu e de outras etnias citadas nos textos sagrados, levantar teorias de parentesco e lógicas sobre mitos e reciprocidade. ■



E Deus disse: Que a terra produza seres vivos, conforme a sua espécie: animais domésticos, conforme a sua espécie. E assim aconteceu. E Deus fez os animais selvagens, segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os animais que rastejam sobre a terra, segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

E Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra.

Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

Gênesis 1.24-28



ANTROPOLOGIA BÍBLICA

A Antropologia como ciência social é constituída de várias linhas de estudo, como a Antropologia Social e Cultural, a Antropologia Física ou Biológica, a Linguística, a Arqueologia, dentre outras. A Antropologia Bíblica se apoia em cada uma dessas linhas, como instrumentos para análises tendo em vista múltiplos objetivos.

Na segunda metade do século XX, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (Bruxelas, 1908 - Paris, 2009) protagonizou uma linha de estudo, conhecida por Estruturalismo, que se apoia na Etnografia e Etnologia, na reciprocidade, nos pares de oposição e nos conjuntos binários. Suas pesquisas proporcionaram importantes resultados sobre a organização da mente humana, publicados em suas obras, como “O cru e o cozido - Mitológicas 1”, de 1964, que tem início, com a seguinte informação:

O objetivo deste livro é mostrar de que modo categorias empíricas, como as de cru e cozido, fresco e podre, molhado e queimado, etc., que a observação etnográfica basta para definir com precisão, sempre a partir do ponto de vista de uma cultura particular, podem servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições. (Lévi-Strauss, 1964)

Com esta premissa, estabelecida por Lévi-Strauss, no primeiro volume de “Mitológicas”, pode-se tentar estabelecer algumas considerações sobre os registros bíblicos referentes aos reis Saul e Davi. Salienta-se que os textos bíblicos, muitos deles, são cheios de mistérios. Estudá-los sob a luz da Antropologia pode fundamentar e esclarecer a sua compreensão.

Uma análise estrutural bíblica

Nas histórias de vida dos reis Saul e Davi, descritas no Antigo Testamento, destacam-se semelhanças, evidenciadas na Tabela 1. Os registros bíblicos fornecem, de ambos, a genealogia e o aspecto físico, além dos nomes das esposas e concubinas. Cada rei foi orientado por um profeta; Saul, pelo profeta Samuel, descrito como vidente; e Davi, pelo profeta Natã. Cada um deles foi ungido pelo “seu” profeta e nesse ato, receberam o Espírito Santo. A Bíblia também relata seus respectivos pecados e o tratamento dado por Deus, por meio desses profetas. Há inclusive a semelhança nos registros referentes a cada rei, reconhecendo que pecaram. De mesmo modo, encontram-se as descrições de suas mortes.

Durante os relatos, percebem-se antíteses entre a vida e a morte, que podem ser analisadas sob uma leitura etnográfica, baseada na cultura do povo. Verifica-se, por exemplo, que as orientações e ordenanças dos profetas apontam para a vida e, quando os reis não obedecem, falham, evidencia-se a sentença de morte. A Palavra de Deus, trazida pelo profeta em cada caso, faz a intermediação entre a vida e a morte.

Lê-se no evangelho segundo João: **“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”** (João 1.14). Para os cristãos, a Palavra de Deus, que intermedeia a vida e a morte, o céu e a terra, é Jesus, o Verbo que se fez carne.

Outra antítese que se apresenta como mistério é a resposta divina dada a cada rei, depois de demonstrarem arrependimento, por terem pecado (item 4 - Tabela 1). Deus revela a sua sentença, por meio dos profetas: para o rei Davi, o perdão, para o rei Saul, a condenação e consequente perda do reinado. Note-se que, conforme registro em 1Samuel 16.1, o profeta Samuel se compadecia da situação de morte e abandono de Deus para com o rei Saul, mas o julgamento implacável de Deus permanecia intacto. **(O Senhor disse a Samuel: — Até quando você terá pena de Saul, se eu o rejeitei como rei de Israel?)**

A unção do espírito

Ainda como antítese, cita-se que o rei Davi, mesmo pecando, não perdeu a unção do Espírito, enquanto, após pecar, o Espírito do Senhor se retirou de Saul e um espírito mau, vindo da parte do Senhor, o atormentava.

SAUL	DAVI
GENEALOGIA	
Filho de Quis, filho de Abiel, filho de Zeror, filho de Becorate, filho de Afias, benjamita, dono de muitos bens. (1Samuel 9.1, NAA)	Abraão gerou Isaque; Isaque gerou Jacó; Jacó gerou Judá e os seus irmãos; Judá gerou Perez e Zera, cuja mãe foi Tamar; Perez gerou Esrom; Esrom gerou Arão; Arão gerou Aminadabe; Aminadabe gerou Naassom; Naassom gerou Salmom; Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe; Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute; e Obede gerou Jessé; Jessé gerou o rei Davi. (Mateus 1.2-6a)
CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	
... moço e tão belo, que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele. Dos ombros para cima, ele sobressaía a todo o povo. (1Samuel 9.2b, NAA)	Davi era ruivo, de belos olhos e boa aparência. (1Samuel 16.12b, NAA) Um dos moços disse: — Conheço um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar harpa. Ele é forte e valente, homem de guerra, fala com sensatez e tem boa aparência; e o Senhor Deus está com ele. (1Samuel 16.12b, NAA)
ESPOSAS	
A mulher de Saul se chamava Ainoã, filha de Aimaás. (1Samuel 14.50a, NAA) Porém o rei pegou os dois filhos que Rispa, filha de Aiá, tinha tido de Saul, a saber, Armoni e Mefibosete. (2Samuel 21.8, NAA)	Abigail se dispôs imediatamente e montou o seu jumento. E ela, acompanhada pelas cinco moças que a serviam, seguiu os mensageiros de Davi, que a recebeu por mulher. Davi também havia tomado por mulher Ainoã de Jezreel, e ambas foram suas mulheres. Saul tinha dado sua filha Mical, mulher de Davi, a Palti, filho de Lais, que era de Galim. (1Samuel 25.42-43, NAA) Em Hebrom, nasceram filhos a Davi. O primogênito foi Amnom, de Ainoã, a jezreelita. O segundo foi Quileabe, de Abigail, viúva de Nabal, o carmelita. O terceiro foi Absalão, filho de Maaca, filha de Talmi, rei de Gesur. O quarto foi Adonias, filho de Hagite. O quinto foi Sefatias, filho de Abital. O sexto foi Itrêão, de Eglá, mulher de Davi. Estes filhos de Davi nasceram em Hebrom. (1Samuel 3.2-5, NAA) Quando a mulher de Urias (Bate-Seba) soube que o seu marido era morto, ela chorou por ele. Passado o luto, Davi mandou buscá-la e a trouxe para o palácio. Ela se tornou sua mulher e lhe deu um filho. Porém isto que Davi tinha feito pareceu mau aos olhos do Senhor. (2Samuel 11.26-27, NAA)
O PROFETA OU VIDENTE MOSTRA O PECADO	
Samuel continuou: — Não é verdade que, mesmo sendo pequeno aos seus próprios olhos, você foi colocado por cabeça das tribos de Israel? O Senhor o ungiu como rei sobre Israel. O Senhor o enviou a este caminho e disse: “Vá e destrua totalmente esses pecadores, os amalequitas, e lute contra eles, até exterminá-los.” Por que, então, você não deu ouvidos à voz do Senhor, mas se lançou sobre o despojo e fez o que era mau aos olhos do Senhor? (1Samuel 15.17-19, NAA)	O Senhor enviou Natã a Davi. Natã foi falar com Davi e lhe disse: — Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. O rico tinha ovelhas e gado em grande número, mas o pobre não tinha coisa nenhuma, a não ser uma cordeirinha que havia comprado. Ele a criou, e ela cresceu em sua casa, junto com os seus filhos. Comia da sua comida e bebia do seu copo. Dormia nos seus braços, e ele a tinha como filha. Certo dia chegou um viajante à casa do homem rico, e este não quis pegar uma das suas ovelhas ou um dos seus bois para dar de comer ao visitante que havia chegado; em vez disso, pegou a cordeirinha do homem pobre e a preparou para o homem que havia chegado. (2Samuel 12.1-4, NAA)



SAUL E DAVI é uma pintura a óleo sobre tela de Rembrandt datada entre 1651 e 1658.

SAUL	DAVI
RESPOSTA AO PROFETA	
<p>Então Saul disse a Samuel: — Pequei, pois transgredi o mandamento do Senhor e as palavras que você falou; porque temi o povo e dei ouvidos à voz deles. Mas agora peço que você perdoe o meu pecado e volte comigo, para que eu adore o Senhor. Porém Samuel disse a Saul: — Não voltarei com você. Por você ter rejeitado a palavra do Senhor, ele também o rejeitou como rei sobre Israel. (1Samuel 15.24-26, NAA)</p>	<p>Então Davi disse a Natã: — Pequei contra o Senhor. E Natã respondeu: — Também o Senhor perdoou o seu pecado; você não morrerá. Mas, porque com isto você deu motivo a que os inimigos do Senhor blasfemassem, também o filho que lhe nasceu morrerá. (2Samuel 12.13-14, NAA)</p>
ESPÍRITO SANTO - ESPÍRITO MALIGNO	
<p>Depois que o Espírito do Senhor se retirou de Saul, um espírito mau, vindo da parte do Senhor, o atormentava. (1Samuel 16.1, NAA)</p>	<p>Samuel pegou o chifre do azeite e ungiu Davi no meio de seus irmãos. E, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi. (1Samuel 16.13, NAA)</p>
ATITUDE POSTERIOR	
<p>Daquela dia em diante, Saul não via Davi com bons olhos. No dia seguinte, um espírito mau, vindo da parte de Deus, se apossou de Saul, que teve uma crise de raiva em sua casa. Davi, como nos outros dias, dedilhava a harpa. Saul, porém, tinha na mão uma lança, que ele atirou, pensando assim: — Encravarei Davi na parede. Porém Davi se desviou dele por duas vezes. Saul tinha medo de Davi, porque o Senhor estava com este e tinha abandonado Saul. (1Samuel 18.9-12, NAA)</p>	<p>E o Senhor feriu a criança que a mulher de Urias teve com Davi; e a criança adoeceu gravemente. Davi suplicou a Deus pela criança. Davi jejuava e, entrando em casa, passava a noite deitado no chão. Mas Davi notou que os seus servos cochichavam uns com os outros e entendeu que a criança havia morrido. Então perguntou: — A criança morreu? Eles responderam: — Morreu. Então Davi se levantou do chão, lavou-se, ungiu-se, trocou de roupa, entrou na Casa do Senhor e adorou. (2Samuel 12.16,19-20, NAA)</p>
MORTE	
<p>Então Saul disse ao seu escudeiro: — Arranque a sua espada e atravesse-me com ela, para que não venham esses incircuncisos, me atravessem com a espada e zombem de mim. Mas o seu escudeiro não quis fazer isso, porque estava com muito medo. Então Saul pegou a sua própria espada e se lançou sobre ela. Quando o escudeiro viu que Saul estava morto, também se lançou sobre a sua espada e morreu com ele. (1Samuel 31.4-5, NAA)</p>	<p>Davi morreu e foi sepultado na Cidade de Davi. Davi reinou sobre Israel durante quarenta anos: sete anos em Hebrom e trinta e três em Jerusalém. (1Reis 2.10-11, NAA)</p>



NATã E DAVI

Gravura de autor desconhecido retrata relato bíblico. "Mas, porque com isto você deu motivo a que os inimigos do Senhor blasfemassem, também o filho que lhe nasceu morrerá." (1Samuel 12.13-14, NAA)

Mistérios

Observando-se as descrições feitas, é possível analisá-las, com base em pormenores específicos. Ao se observar, por exemplo, as correntes sintagmáticas e a série paradigmática descritas na tabela, evidenciam-se repetições, semelhanças entre as descrições, durante as narrativas bíblicas, sobre a vida dos reis Saul e Davi.

Ainda, sob esta visão, outros personagens do Antigo Testamento podem ser citados; como, por exemplo, Caim e Abel. Neste caso, o mistério que cerca os dois irmãos é bem parecido ao identificado entre Saul e Davi: por que Deus aceitou a oferenda de Abel e a de Caim não? Por que Deus perdoou Davi e não perdoou Saul?

Encarando-se os dados levantados acima como início de uma análise estrutural sobre a vida dos reis Saul e Davi, pode-se identificar a existência de alguns padrões comuns e destacar mistérios, que talvez possam ser revelados, com a ampliação de estudos antropológicos.

FONTES:

STRAUSS, Claude Lévi. (2020). **O cru e o cozido, Mitológicas I**. São Paulo: Editora Zahar, 2020.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.

2a ed. Barueri: SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. **Análise antropológica do texto bíblico; Aulas proferidas no curso on-line "Introdução à Antropologia Bíblica"** pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 09, 16, 23, 30 de março de 2024.

SIONISMO CRISTÃO E SEUS EFEITOS NO BRASIL

ASSOCIAR O ISRAEL DA BÍBLIA AO ESTADO DE ISRAEL TEM SE TORNADO CADA VEZ MAIS RECORRENTE ENTRE EVANGÉLICOS NO BRASIL. EMBORA POSSA PARECER NATURAL ESTA RELAÇÃO, É ESSENCIAL COMPREENDER AS DIFERENÇAS E OS EFEITOS DESTA VISÃO EQUIVOCADA.

Texto **Presb. Gustavo Curcio** (introdução) e **Rev. Dr. Júlio Zabatiero**





FONTES:

MACHADO, M. C. CARRANZA, B. MARIZ, C. L.
Genealogia do sionismo evangélico no Brasil.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/CQGqnNvQcWHcqV7yDK3Q5Yz/>

PEETZ, M. **O Israel Bíblico: história, arqueologia, geografia.** São Paulo: Paulinas, 2022.

ZABATIERO, J. P. T. **Uma História Cultural de Israel.** São Paulo: Paulus, 2013.

A existência de discursos sionistas entre os cristãos é antiga. Com a intensificação dessa narrativa na esfera pública brasileira, com desdobramentos socio-culturais, faz-se necessária uma compreensão das origens deste movimento nas igrejas evangélicas e os efeitos de compreensões temerárias e equivocadas. O resultado da corriqueira associação entre Israel bíblico e Estado de Israel, fruto direto de um desconhecimento de lideranças e fiéis, é visível na adoção cada vez mais comum da estética judaica nas práticas religiosas em igrejas evangélicas.

A **visão** contou com a colaboração do Reverendo Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero, doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia, especialista em exegese e hermenêutica bíblicas e na interpretação da Bíblia hebraica, para esclarecer algumas das questões relacionadas ao sionismo cristão. “A importância do antigo Israel para as culturas ocidentais e para as religiões monoteístas atuais demanda que continuemos a pesquisar em busca de uma compreensão mais ampla e mais adequada da presença do antigo Israel na atualidade”, explica Zabatiero em seu livro

“Uma História Cultural de Israel”, publicado em 2013 pela Editora Paulus.

Nesse sentido, Zabatiero afirma que, de fato, há um movimento disperso entre denominações cristãs atuais que defende a adoção de símbolos, práticas e valores culturais do antigo Israel (bíblico). “Comumente esse movimento se baseia em uma leitura equivocada, a meu ver, da relação entre Israel (povo físico) e Israel (povo espiritual).” Segundo o pesquisador, nos escritos de Paulo está a mais sólida reflexão teológica da época neo-testamentária sobre a relação entre israelitas e gentios enquanto membros do povo de Deus. “Paulo, judeu, defendia a tese de que os gentios não precisavam se tornar judeus para fazer parte do povo de Deus. Bastava a fé no Messias Jesus para que uma pessoa gentia fosse aceita por Deus como membro de Seu povo ou de Sua família”, explica.

Confira a seguir uma perspectiva histórica deste fenômeno e a definição de conceitos essenciais para a compreensão da politização do discurso pró Estado de Israel e sua equivocada associação ao Israel Bíblico como materialização de profecia bíblica. ■

Sionismo cristão

Rev. Dr. Júlio Zabatiero*

O sionismo cristão é um posicionamento religioso que toma a forma de discursos verbais e não-verbais e de atuações políticas em apoio ao fortalecimento do Estado de Israel e à ampliação do território que ocupa.

As pesquisadoras Maria das Dores Campos Machado, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Cecília Loreto Mariz e Brenda Carranza, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em artigo intitulado **Genealogia do sionismo evangélico no Brasil**, explicam que **“o desenvolvimento de novas teologias e o surgimento de atores coletivos sionistas resultaram em formas diversas de justificativas e de engajamento dos cristãos nas ações políticas em defesa do Estado de Israel”**. Para as autoras, o sionismo cristão é um movimento impulsionado pela crença de que os judeus teriam, por graça divina, o direito de posse e de habitar a terra prometida a eles

no Antigo Testamento e que, por estar na Escritura Sagrada, os cristãos deveriam apoiá-los na defesa dessa causa.

O embasamento bíblico para a judaização de correntes pentecostais fundamentalistas se pauta na ideia de que a restauração do mundo por Deus se dará quando Israel estiver plenamente assentado em sua terra. Estas correntes consideram a formação do Estado de Israel em 1948 como o início da realização desta profecia. Vê-se que há uma carga ideológica fortíssima nesta concepção.

É uma leitura descontextualizada que propaga que o Israel reconstituído em 1948 é o mesmo Israel da Bíblia.

Daí a recorrente utilização de símbolos ligados ao Estado de Israel – incluindo a própria bandeira – em cerimônias realizadas em igrejas evangélicas (neo) pentecostais mundo afora, numa evidente falta de conhecimento sobre os conceitos de

Israel Bíblico e Estado de Israel. Com isso, estes grupos cristãos, equivocadamente, credenciam o atual Estado de Israel como se este fora o Israel da Bíblia. Apoiam incondicionalmente suas ações e políticas.

Machado, Mariz e Carranza (2023) explicam que o fenômeno do sionismo nas igrejas neopentecostais brasileiras é recente e teve sua consolidação apenas no início do século XXI. Essas igrejas passaram, a partir do início deste século, **“a valorizar Israel e ter práticas judaizantes e filossemitas - entendidas as primeiras como a incorporação de elementos simbólicos e rituais da estética judaica nas práticas religiosas das igrejas e as segundas como o cultivo de sentimentos de apego e valorização do povo judeu, bíblico e/ou moderno”**. Segundo as pesquisadoras, ambas as práticas tendem a reforçar um imaginário pró-unidade étnico-religiosa e a unidade política do Estado de Israel.

EFEITOS DO SIONISMO CRISTÃO

Configuram como apego maior à leitura do Antigo Testamento, onde estão os relatos e ensinamentos religiosos do Israel bíblico. **“Isto resulta na diminuição da figura de Jesus, de seus princípios de despojamento e misericórdia e do símbolo da cruz. Em oposição, passa a predominar a figura do rei Davi, fundador de Jerusalém, suas operações de ocupação de terras, símbolos da monarquia, como trono, domínio, riquezas e a exaltação da imagem de Deus como Senhor dos Exércitos”**.

*Possui graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (1980), mestrado e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1999; 2000). Sua especialidade primária é a epistemologia da Exegese bíblica e da Teologia cristã. Seus interesses atuais são: a teologia paulina (publicou o primeiro de seis volumes dessa obra); a teologia pública em perspectiva reformada evangélica; a epistemologia exegética e teológica e a teologia do Pentateuco (escreve em 2022 o comentário ao livro do Êxodo como parte do projeto).

MOSAICO REPRESENTANDO AS DOZE TRIBOS E SEUS NOMES HEBRAICOS, com imagens simbólicas. **Aser:** uma árvore | **Dã:** Balança da justiça | **Judá:** Kinnor, cítara e coroa, simbolizando o Rei David | **Rúben:** Mandrágora (Gênesis 30:14) | **José:** Palmeira e feixes de trigo, simbolizando seu tempo no Egito | **Naftali:** gazela (Gênesis 49: 21) | **Issacar:** Sol, lua e estrelas (1 Crônicas 12:32) | **Simeão:** torres e muralhas da cidade de Siquém | **Benjamim:** jarro, concha e garfo | **Gad:** tendas, simbolizando sua itinerância como pastores de gado | **Zebulom:** navio, por fazer fronteira com o Mar da Galiléia e o Mediterrâneo | **Levi:** Peitoral Sacerdotal.

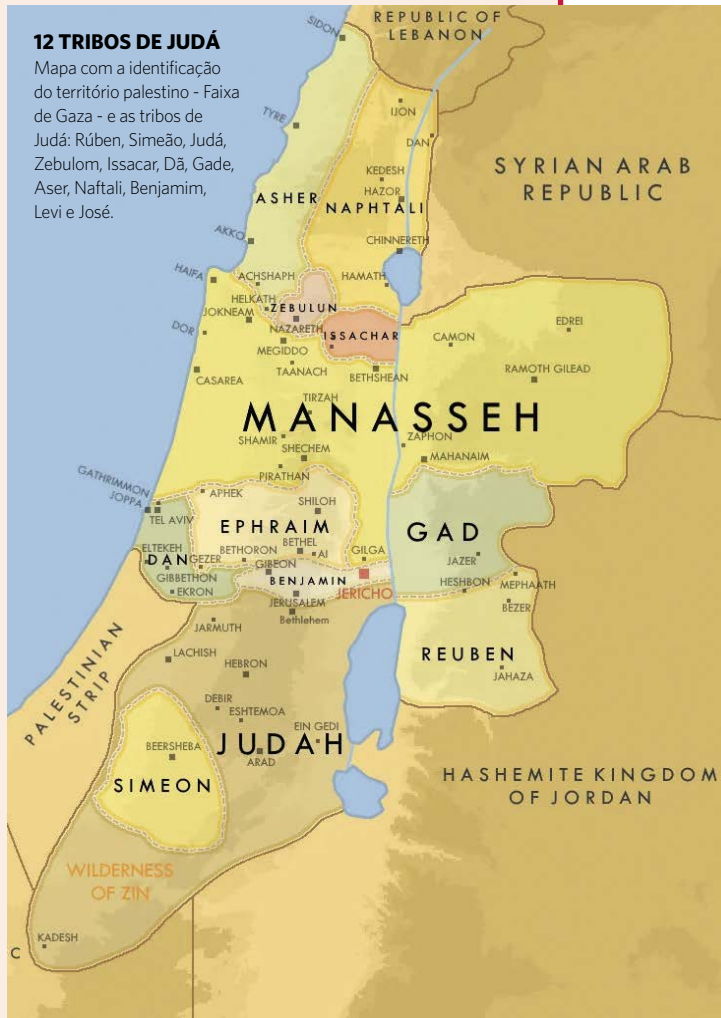


REPRODUÇÃO REDDIT.COM

Em que território aconteceu a história do Israel bíblico?

Peetz constata que a região de Israel na narrativa bíblica muda no decorrer do tempo. A área central, ou seja, a terra ancestral de Israel hoje pode ser identificada como Cisjordânia. A pesquisadora lembra que **“o ancestral de Israel, Jacó, com sua família, chegou ao Egito vindo de Canaã em decorrência da fome”** (Melanie Peetz, 2022, p. 31). Por esta razão, o povo de Israel teria surgido no segundo milênio a.C., no Egito.

“Tanto na Bíblia como na literatura antiga, o nome Israel tem diversos significados. Em 1 e 2 Reis, tem-se o seguinte conceito: Israel indica o reino na parte norte do Levante meridional, com a capital Samaria, ao passo que o reino situado ao sul, com a capital, Jerusalém, é designado Judá”, explica a especialista em exegese do Antigo Testamento, pesquisadora da Universidade Goethe de Frankfurt, Melanie Peetz em seu livro **O Israel Bíblico: história, arqueologia, geografia**. Segundo Peetz, conforme a representação de 1 e 2 Samuel, Davi e Salomão reinam em união pessoal sobre ambas as regiões durante algum tempo. A pesquisadora explica que o nome Israel é usado e outros textos bíblicos como sinônimo da população que reside ou deve fixar-se em Israel e em Judá. **“Esse povo surgiu dos filhos de Jacó, que na Bíblia tem o nome de Israel”**, explica. (Melanie Peetz, 2022, p. 17-18)



REPRODUÇÃO REDDIT.COM

Israel Bíblica e o Estado de Israel

Explicação sobre cada termo, ao que se refere e as confusões geradas pela interpretação incorreta e associação inadequada da Israel bíblica e o Estado de Israel.

Na Escritura judaica (nosso Antigo Testamento), o termo Israel se refere a diferentes realidades. Sua função originária é nomear o patriarca Jacó após a sua experiência com Deus no rio Jaboque (Gn 32,22-32). Ele passou a ser chamado de Israel, palavra hebraica que significa “o Deus que luta”. No livro do Êxodo, a palavra israelita é tradução do hebraico filhos de Israel – a autocompreensão mais antiga do povo de Israel é a de ser uma família, os descendentes de Israel (Jacó). Com o passar do tempo, como é comum na linguagem em geral, o nome ‘filhos de Israel’ foi abreviado para Israel.

Então, Israel se refere ao povo israelita, aos descendentes de Jacó (e Abraão).

Politicamente, porém, o nome Israel não era usado ainda. **O que a Bíblia chama de as doze tribos de Israel era conhecido politicamente na época pelo termo casa de Davi (o reinado de Davi).** Após a morte de Salomão, houve uma cisão entre as tribos do sul e as do norte, e os novos reinos foram chamados de Judá (sul) e Israel (norte). O reino do norte também era conhecido como casa de Jeroboão, ou terra da Samaria. No século VIII a.C., o reino do norte (Israel) foi conquistado e destruído pelo império

neo-assírio. A população foi deportada para territórios diversos do império e povos de outras regiões foram levados para o território do antigo reino de Israel (esta é a origem dos samaritanos – o povo de Samaria, que passou a ser o nome da província do império neo-assírio). Parte da população israelita, porém, conseguiu escapar e migrou para Judá, levando consigo o nome Israel como nome do povo de Deus. Os habitantes de Judá passaram a usar novamente o nome Israel como o nome teológico, lado a lado com o nome político Judá ou casa de Davi.



“O que a Bíblia chama de as doze tribos de Israel era conhecido politicamente na época pelo termo casa de Davi (o reinado de Davi). Após a morte de Salomão, houve uma cisão entre as tribos do sul e as do norte, e os novos reinos foram chamados de Judá (sul) e Israel (norte).”

Desde o século VIII a.C. até os tempos do Novo Testamento, Israel passa a ser usado como um nome teológico para o povo descendente de Abraão, Isaque e Jacó. No período da dominação persa (sécs. VI-IV a.C.), o nome político de Israel passou a ser Yehud (forma persa do nome Judá). No período da dominação romana (séc. I a.C. até séc. III d.C.) a região do antigo Israel (doze tribos) era dividida em três seções do Império Romano: Judá, Samaria e Galiléia. Assim, o povo de Deus, no período da dominação romana, era conhecido tanto como judeus

quanto como israelitas. O termo judeu era usado por causa do nome político Judá, de que deriva também o termo Judaísmo (a religião de Judá). O termo israelita era usado mais comumente pelos próprios 'judeus' (seguidores de YHWH - o nome hebraico de Deus), e era o nome teológico do povo: não era um termo político, ou seja, não se referia a um Estado de Israel.

No Novo Testamento, o termo Israel é sempre usado como nome do povo - nunca como nome político. Dependendo do texto em que é usado, Israel pode se referir aos israelitas enquanto povo

descendente de Abraão, ou (especialmente em Paulo), passa a se referir a todo o povo de Deus, composto por judeus e gentios: o Israel de Deus (Gl 6,16). Por quê? Porque para Paulo é israelita quem descende espiritualmente de Abraão. Quem tem a mesma fé ou fidelidade de Abraão é israelita, faz parte do povo de Deus, pertence ao povo do Messias Jesus. Em Romanos 9-11 Paulo discute a relação entre o Israel físico (descendência corpórea de Abraão) e o Israel de Deus (descendência espiritual de Abraão). Ele defende a tese de que o povo de Israel abraâmico não perde a

condição de ser povo eleito de Deus. A sua desobediência, segundo Paulo, foi usada por Deus para incluir os gentios no Seu povo, dando cumprimento à promessa a Abraão de que nele seriam abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12,1-4).

A rejeição do Messias Jesus pelo Israel (povo israelita), segundo Paulo, seria temporária, mas, ao final dos tempos, o povo de Israel voltaria a ser fiel a Deus e reconheceria Jesus como o Messias. Paulo fala do povo israelita, nunca se refere ao Estado de Israel (que, obviamente, sequer existia em seu tempo).

ESTÁTUA DE SÃO PAULO NO VATICANO, ROMA.

Para o apóstolo, quem tem a mesma fé ou fidelidade de Abraão é israelita, faz parte do povo de Deus, pertence ao povo do Messias Jesus.



A origem bíblica do conflito Israel x Palestina

O conflito palestino-israelense pode ser vinculado ao início da imigração judaica-palestina, que começa com o projeto de formação do estado judeu na Palestina ainda como referência, como horizonte de possibilidade.

Falamos sobre os usos e significados do termo Israel na Bíblia. Precisamos, porém, antes de conversarmos sobre o Estado de Israel, voltar aos tempos bíblicos para conhecermos a Palestina.

A região onde as doze tribos de Israel se estabeleceram (a Terra Prometida) era conhecida na época da chegada dos israelitas (por volta dos sécs. XIII e XII a.C.) pelo termo Canaã – e abrangia os territórios do que hoje reconhecemos como o Estado de Israel, os territórios palestinos e partes da Jordânia, Líbano e da Síria. Alguns sites na internet falam de Canaã como a região do Estado de Israel, mas essa é uma informação equivocada. Canaã era o nome da região em que as tribos de Israel se instalaram, mas abrangia um território mais amplo. O nome Palestina é uma forma aportuguesada do latim e equivale ao nome grego Filístia, ou terra dos filisteus. O território que também é chamado de Faixa de Gaza foi ocupado, a partir do final do século XIII a.C., por migrantes das ilhas gregas, chamados filisteus, que fundaram cinco grandes cidades na região (uma delas tinha o nome Gaza, que é usado até hoje para se referir ao território). A partir de meados do século X a.C. as cidades filisteias foram perdendo importância política e gradualmente assimilaram a cultura canaanita, deixando de ter uma peculiaridade cultural e assim sobrevive até nossos dias.

As cidades dos filisteus eram inimigas dos israelitas do sul e, com a implantação da monarquia, inimigos da casa de Davi (ou reino de Judá). Nos livros de Juizes e Samuel os conflitos entre Israel e Filístia são narrados com ênfase – e podemos dizer que esta é a origem histórica do conflito atual entre Israel e palestinos. Em Josué 13,1-7, porém, o território dos filisteus, assim como o de outros povos antigos da região mais ampla de Canaã foram nomeados como territórios ‘não conquistados’ por Josué, mas que deveriam fazer parte da terra prometida. A região descrita em Js 13,1-7 nunca fez parte dos reinos do Sul ou do Norte, mas havia uma expectativa de parte dos israelitas de que essa região lhes pertenceria, lhes seria dada por YHWH como cumprimento da promessa da terra a Abraão. Podemos dizer, então que esta é a origem bíblica da inimizade entre israelitas e palestinos. No período da dominação romana, o termo Palestina era usado também como

o nome administrativo da região que incluía o sul da Síria e o antigo território de Canaã, de modo que Judá (a terra dos judeus) era considerada parte da Palestina, e até hoje o termo Palestina é usado por algumas pessoas e grupos como substituto e equivalente de Canaã. (O nome Palestina, adotado pelo Império Romano, era a forma latinizada de Palusta o nome da região no idioma assírio).

Agora falemos sobre os dias atuais. **Os territórios palestinos, ou faixa de Gaza, ou Palestina, nunca pertenceram politicamente ao reino unido de Judá e Israel, nem ao reino de Judá, nem ao reino de Israel após a separação entre esses reinos. A atual estrutura política da região de Canaã foi definida pelos vitoriosos da segunda guerra mundial, a partir de 1946.** O nazismo que praticou um genocídio de israelitas no Holocausto foi o principal evento impulsionador para a criação o Estado de Israel. A proteção do povo de Israel disperso por várias nações ocidentais foi reconhecida pelas nações vitoriosas na Segunda Guerra e o tema foi discutido com prioridade na ONU. A região onde estão atualmente Israel e a Palestina era possessão do Império Britânico, que abriu mão de seu ‘direito’ para permitir a criação do Estado de Israel. Era, porém, uma região habitada por diferentes povos árabes, de modo que a criação do Estado israelita gerou uma forte tensão e belicosidade, que duram até hoje. No plano original da ONU o território seria dividido entre dois Estados independentes: Israel e Palestina, com Jerusalém sendo governada por uma coalizão internacional. Os israelitas, porém, liderados por David Ben Gurion se anteciparam e, em 1948, conquistaram a região e declararam a independência do Estado de Israel. A atitude de Israel não foi aceita por povos árabes e os conflitos se multiplicaram até 1973, quando Israel venceu as últimas guerras contra povos árabes. A situação dos palestinos, na faixa de Gaza, permanece não resolvida até hoje e os conflitos militares ocorrem de modo cíclico na região.

MAPA DA REGIÃO com destaque para o território de Filistia, ocupado pelos chamados filisteus



PERCEÇÕES SOBRE A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DO ESTADO PALESTINO (PERSPECTIVA HISTÓRICA).

Em suas linhas básicas a questão possui duas dimensões paralelas e complementares. A primeira, mais geral, tem a ver com o direito dos povos palestinese e israelita de se organizarem como Estados autônomos e independentes. O problema é que ambos os povos ocupam uma faixa de território que é reivindicada por ambos. A segunda, mais específica, tem a ver com a violência exercida pelo Estado de Israel contra as populações palestinas em seu próprio território e no território 'palestino'. As duas dimensões são agravadas por uma terceira, a cultural-religiosa – que também é complexa por si só.

Em relação à segunda dimensão, a da violência contra

o povo palestino, não vejo nenhuma resposta cristã legítima a não ser a de exigir do Estado de Israel o fim imediato de todo e qualquer tipo de prática de violência. O Estado de Israel é infinitamente superior, em termos de armamentos e organização militar, aos palestinos, de modo que nem mesmo a tese de 'legítima defesa' seria suficiente para argumentar em prol de uma eventual 'guerra justa' contra os palestinos. Obviamente, a violência militar israelita não legítima a violência palestinese (chamada de terrorismo) – de fato, em uma visão cristã, acredito que nenhuma violência é justificada – seja pessoal, seja estatal. Independentemente

de quem está com a razão no conflito, uma visão cristã das relações internacionais deve defender a não-violência como princípio fundamental, e considerar a 'guerra' como um último recurso, um mal necessário em situações de impossibilidade de solução diplomática.

Em relação à primeira dimensão, pelo menos duas soluções têm sido propostas, mas nenhuma ainda alcançou o consenso necessário para se firmar e solucionar o conflito. Uma delas é a manutenção de um único Estado na região, o israelita, que acolheria a população palestina e a trataria como cidadã em igual dignidade à população israelita. A segunda é a criação de um Estado Palestino

autônomo com território delimitado diplomaticamente com a mediação da ONU. Em termos práticos, a primeira solução me parece improvável, dadas as razões históricas para a dimensão cultural-religiosa do conflito. Neste caso, porém, não podemos dizer que haja uma visão cristã propriamente dita, pois trata-se de uma questão laica, que deve ser resolvida com argumentos laicos, e não com argumentos religiosos. **Pessoalmente, considero mais justa a criação do Estado Palestino, diante da história da ocupação da região.** Minha visão neste caso, porém, não é baseada em argumentos teológicos, mas históricos e políticos.



[...] para Paulo é israelita quem descende espiritualmente de Abraão. Quem tem a mesma fé ou fidelidade de Abraão é israelita, faz parte do povo de Deus, pertence ao povo do Messias Jesus. Em Romanos 9-11 Paulo discute a relação entre o Israel físico (descendência corpórea de Abraão) e o Israel de Deus (descendência espiritual de Abraão).



EVOLUÇÃO DA ÁREA OCUPADA PELOS PALESTINOS



1917

■ PALESTINOS
□ JUDEUS



1946

■ PALESTINOS
□ JUDEUS



1947

Proposta da ONU para criação do Estado Palestino e do Estado de Israel



1948

Proposta da ONU para criação do Estado Palestino e do Estado de Israel



1967

■ PALESTINOS
□ JUDEUS



1967-2017

■ PALESTINOS
□ JUDEUS

JUDAIZAÇÃO, APROPRIAÇÃO DE SÍMBOLOS DA ISRAEL BÍBLICA E, EQUIVOCADAMENTE, DO ESTADO DE ISRAEL.

De fato, há um movimento disperso entre denominações cristãs atuais que defende a adoção de símbolos, práticas e valores culturais do antigo Israel (bíblico). Comumente esse movimento se baseia em uma leitura equivocada (a meu ver) da relação entre Israel (povo físico) e Israel (povo espiritual), conforme indicado anteriormente. Nos escritos de Paulo temos a mais sólida reflexão teológica da época neotestamentária sobre a relação entre israelitas e gentios enquanto membros do povo de Deus. **Paulo, judeu, defendia a tese de que os gentios não precisavam se tornar judeus para fazer parte do povo de Deus. Bastava a fé no Messias Jesus para que uma pessoa gentia fosse aceita por Deus como membro de seu povo ou de sua família.**

Uma leitura cristã do Novo Testamento não pode defender que a Igreja substituiu Israel como povo de Deus. De acordo com o apóstolo Paulo, a Igreja é o Israel de Deus, mas

não como substituta nem como sucessora, simplesmente como a forma comunitária mediante a qual a descendência de Abraão, no Messias Jesus, se organiza a partir da fé no ressurreto. Como Israel de Deus, a Igreja, segundo Paulo, sabe que é um enxerto no tronco e espera pela salvação de todo o Israel (para encontrar esta visão em Paulo é preciso estudar com cuidado as cartas aos Romanos e aos Gálatas). Em segundo lugar, a leitura cristã do povo de Israel não pode fundamentar nem apoiar o antissemitismo. Criticar os erros do Estado de Israel é uma coisa, completamente diferente, porém, é discriminar os judeus simplesmente pelo fato de serem judeus. Uma ética cristã se opõe a todo tipo de discriminação e, por isso, se opõe ao antissemitismo. A terceira advertência vai mais direto ao ponto de nossa questão: quando a Escritura fala na eleição de Israel e quando o

Novo Testamento fala de Israel, não está falando do Estado de Israel, mas do povo de Israel. Este ponto é fundamental, pois as promessas de Deus a Israel são promessas ao povo, não ao Estado. Deus não se alia com nenhum Estado. Não é um Deus nacional, ou nacionalista, que se subordina a uma nação-Estado e se relaciona com as demais a partir dos interesses dessa nação. Deus é o Senhor de todas as tribos, raças, línguas e povos e jamais privilegia um Estado em detrimento de outros.

Quem é Israel, então, do ponto de vista do Novo Testamento? Vejamos a resposta específica do apóstolo Paulo: “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus. Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os

aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus. E daí? Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma!” (Rm 2,28-3,4a).

Paulo não é um antissemita, nem um supersessionista (que acredita que a religião israelita é errada e que a fé cristã substituiu a fé israelita, ou que a Igreja suplanta Israel). **Paulo é um judeu que, lendo a Bíblia Hebraica, vê na Escritura de seu povo o fundamento para afirmar que nem todo descendente físico de Abraão é israelita – no sentido de ser membro do povo de Deus.** Ser judeu, para Paulo, não é uma questão de genealogia, mas de fidelidade a Deus e Sua palavra. Isto, porém, não altera a fidelidade de Deus à sua eleição e sua promessa – mesmo que o cumprimento das promessas não tenha o formato que Israel espera e deseja. De fato, para Paulo, as promessas a Israel são reinterpretadas à luz da revelação climática de Deus em Cristo.

JERUSALÉM ao fundo, com a bandeira do Estado de Israel em primeiro plano.



QUER SABER MAIS?

BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo.** São Paulo: Boitempo, 2017.

MCDERMOTT, Gerald R. **A Importância de Israel.** São Paulo: Vida Nova, 2018.



CASPER, Jayson. **Em meio à guerra entre Israel e o Hamas, cristãos locais buscam ira santa e esperança no Evangelho.**



KAIRÓS PALESTINA. **A hora da verdade: do centro do sofrimento palestino, uma mensagem de fé, esperança e amor.**



CONFLITO ISRAEL-PALESTINA: **enquanto existir, só haverá perdedores.**



MAGALHÃES, Thamiris. **O conflito entre Israel e a Palestina.**

A salvação de toda Israel

Como judeu, Paulo espera, no fim dos tempos, que a fidelidade de Deus se manifeste na salvação de todo o Israel – na salvação, note bem, não na ‘reinstituição do Estado de Israel’: **“Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência: tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém! E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos**

da promessa” (Rm 9,1-8).

Diante desta visão paulina da relação Israel-Gentios, não vejo nenhum fundamento bíblico para a adoção de elementos da cultura israelita (antiga ou atual) como expressão legítima da fé cristã. Esse tipo de adoção pode ser considerado como uma forma inadequada de apropriação cultural. A apropriação cultural ocorre na medida em que grupo social hegemônico adota e reproduz elementos culturais de grupos socioculturais minoritários. A apropriação cultural desvirtua e marginaliza o significado sagrado ou político desses elementos e lhes dá um novo significado, causando desvalorização cultural desses elementos sem oferecer nenhum benefício ao grupo minoritário. Seguindo a visão paulina, israelitas não precisam deixar de ser israelitas para seguirem a Jesus e gentios, da mesma forma, não precisam deixar de ser gentios para seguir a Jesus.

Essa apropriação cultural é parte do que se chama de visão sionista – que valoriza Israel acima de outros povos. Esta é a diferença fundamental entre uma

visão cristã e uma visão sionista: a visão cristã olha para o povo de Israel e vê nesse povo a forma primeira da eleição divina e espera que esse povo volte a ser fiel a Deus no Messias. Se acreditamos que a fidelidade de Deus está com o Estado de Israel, porém, não mais seguimos a visão cristã neotestamentária, mas ficamos do lado do sionismo e do fundamentalismo judaico – que é tão ruim quanto qualquer outro tipo de fundamentalismo religioso. Uma visão cristã do povo de Israel segue a emocionada interpretação de Paulo sobre seu próprio povo: **“Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o Messias é o fim da lei, para justiça de todo aquele que crê”** (Rm 10,1-4).

Por isso, a visão cristã não pode se tornar antisemita, assim como

não pode se tornar sionista: **“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios.”** E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: **“Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados”**

(Rm 11,25-27). Todo o Israel, descendência de Abraão, no Messias. Não o Estado de Israel independentemente da fidelidade ao Messias.

É necessário separar questões teológicas, ou de fé, de questões políticas e culturais. Usar a Escritura ou a teologia para legitimar as reivindicações de um Estado, seja qual for, é fazer um uso inadequado da Escritura e ofender o nome de Deus que é Senhor de todos os povos, jamais servo de uma única nação. Da mesma forma, adotar elementos culturais de outro povo, sem sua permissão e sem lhe oferecer benefícios, é uma utilização indevida da Escritura. ■

Lições da batalha de Jericó

A batalha do povo de Israel em Jericó é emblemática e arrisco dizer que é um dos maiores desafios de Josué na liderança do povo de Deus. Um povo que era batalhador e guerreiro desde sempre agora estava diante de um desafio que parecia, literalmente, intransponível: vencer e passar pelas muralhas de Jericó.

Jericó era uma cidade forte e literalmente fortificada. Como poderia o povo de Deus, na conquista plena da terra prometida, avançar sobre aquele território? O que queria Deus com tal promessa de conquista? Quais seriam as estratégias que levariam o povo de Deus à sonhada vitória? Muitas são as questões que podemos pensar em meio a esse cenário.

O final da história é conhecido: Israel vence e conquista Jericó. A fama de Josué, como líder agora consolidado de Israel, se espalha, conforme Josué 6.27: "Assim, era o Senhor com Josué; e corria a sua fama por toda a terra." A fama do conquistador foi notória, mas o que nos chama à reflexão é o que o nosso Deus nos ensina, dentre muitas possíveis perspectivas, acerca dessa batalha. Pensemos em duas possíveis lições práticas para nossa vida.

Primeira lição: o Deus que promete, cumpre. Deus prometeu a terra ao povo de Israel e a conquista plena da terra passa por Jericó. Não há impossível para Deus. Não há muralha que Deus, com sua força soberana, não possa derrubar. Nesse sentido, Josué foi encorajado em toda a sua missão

e liderança a confiar no Deus do impossível e ser, em todo tempo, "forte e corajoso", de modo que a conquista de Jericó nos encoraja, como povo de Deus, a termos fé nas promessas do Senhor.

Segunda lição: Devemos colocar a estratégia nas mãos de Deus. Chama atenção os métodos utilizados pelo povo de Israel nessa batalha. Nós estamos acostumados a vislumbrar, seja pela arte, cinema ou história, que as guerras da antiguidade eram literalmente sanguinárias. O embate físico e o avanço pela força são marcas da estratégia humana de combate. Em Jericó foi diferente. Deus orientou seu povo a marchar com trombetas. Nos atos e orientações dadas por Deus a Josué e consequentemente ao povo, havia uma riqueza de símbolos e significados, totalmente diferentes do que se entende por estratégias de conflitos armados.

Fé e obediência devem andar de mãos dadas, nos diz a palavra do Senhor. O povo de Israel só venceu porque teve fé na promessa de Deus e foi obediente diante dos planos do Senhor. Nós temos o instinto humano a tentar resolver sozinho os nossos problemas. A tentar solucionar e traçar minuciosamente o que deve ser feito diante de determinado problema ou dificuldade na vida.

Com Josué e o povo de Israel foi diferente e pode ser diferente conosco, guardadas as proporções, em cada "guerra" que enfrentamos na vida. Qual é a muralha que lhe parece intransponível hoje em

sua vida? Qual é o obstáculo que lhe paralisa? Qual é a dificuldade nos seus planos cuja solução não lhe vem à mente?

Essa passagem bíblica nos inspira a colocarmos tudo isso nas mãos de Deus. Josué teve o privilégio de ser treinado por Moisés, tornando-se um líder competente e eficaz. Mas tal eficiência e competência adveio primeiramente do seu compromisso com Deus e da confiança absoluta que ele teve, em todo tempo, no Senhor. Em todo tempo, amados irmãos, tenhamos em mente que devemos ser "fortes e corajosos", para confiarmos os nossos planos e a estratégia diante dos nossos desafios diários ao Senhor, para que a nossa vida e o deslinde de nossas batalhas se deem de acordo com a orientação do Senhor, pois não há nenhuma "Jericó" em nossa vida que o nosso Deus não possa nos fazer vencer. ■



FELIPE COUREL
Licenciado para o ministério pastoral.

Promover a paz em meio às guerras

É muito conhecido o versículo sobre os pacificadores no texto das “bem-aventuranças”, proferido por Jesus no chamado “Sermão do monte”: **“Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus”** (Mateus 5.9). Três expressões merecem nossa atenção nestas palavras de Jesus.

A primeira expressão é “bem-aventurados”. Na perspectiva do “Sermão do monte”, “bem-aventurados” quer dizer “agem bem”, aqueles que são “bem-sucedidos” aos olhos de Deus, serão “abençoados” por Deus, “os que compreendem e realizam a vontade de Deus”. As “bem-aventuranças” foram ensinadas com o objetivo de, a partir da fé em Jesus como o Cristo, contribuímos na construção de um mundo melhor para se viver, caracterizado por relacionamentos justos e construtivos. Os bem-aventurados recebem a promessa de que serão recompensados, nesta vida e na vida futura principalmente. Neste sentido, cada “bem-aventurança” é acompanhada de uma promessa.

A segunda expressão que merece nossa atenção é “pacificadores”, ou seja, aqueles que se dedicam, buscam, lutam e estabelecem a paz. Em toda a história, a paz sempre foi desejada e se mostrou oportuna. No que diz respeito aos nossos dias, este desejo é ainda maior. Paz é o avesso das guerras e, sobre este assunto, diversas

são as dimensões das guerras, em várias estão longe de nós, mas tantas outras se fazem presentes em nosso dia a dia. Existe a guerra entre países, as guerras sociais, na família, a guerra interior, a guerra econômica. Existe a guerra contra a fome, contra as drogas, contra a violência que atingem sobretudo mulheres, jovens e crianças, assim como tantas outras.

A paz ensinada e dada por Jesus significa muito mais do que ausência das guerras que podemos enumerar. A paz ensinada e dada por Jesus significa vida abundante e bem-estar em todos os âmbitos da vida. A paz do reino de Deus favorece a vida plena, enquanto as guerras geram a morte; a paz de Cristo constrói, a guerra destrói; a paz que vem do alto possibilita a alegria e a satisfação, enquanto a guerra resulta na dor, nas lágrimas e no sofrimento.

Em meio a tantas guerras existentes, a paz que vem de Deus é tanto o remédio como a cura para as guerras e males da nossa existência. “Bem-aventurados” são aqueles e aquelas que conhecem, desfrutam, vivem e promovem a paz de Cristo Jesus por meio de palavras e ações.

A terceira expressão é “filhos de Deus”. Os pacificadores são considerados e chamados filhos e filhas de Deus. Quem não é filho ou filha de Deus, é filho ou filha do diabo. Os filhos e filhas de Deus querem e promovem a paz, enquanto os filhos ou

filhas do diabo promovem a guerra. É contraditório promover a guerra, em qualquer uma de suas dimensões citadas acima, e se considerar “filho ou filha de Deus”. Sendo assim, são enganosas as guerras “em nome de Deus”, pois Deus sempre é a favor da paz e deseja a paz.

Como filhos e filhas de Deus, como igreja de Cristo Jesus, temos a missão de pacificar em todo e qualquer contexto. Esta missão começa em nós mesmos, em nosso interior, e se estende para as pessoas do nosso convívio familiar, profissional, social e na própria igreja. Sejamos promotores da paz como filhos e filhas de Deus. ■

“Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5.9).



REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

Guerras: sinal do fim dos tempos?

Sempre que ouvimos notícias sobre o explodir de uma nova guerra, questionamentos diversos surgem em nosso meio eclesial. Tais perguntas são inevitáveis, visto que a herança deixada pela guerra é sempre devastadora.

A guerra, como sinônimo da maldade, sempre provoca a morte, e a morte, por consequência, determina o fim de um tempo. São prelúdios do fim, seja na família, nas amizades, na sociedade e em toda a perfeita criação de Deus. As guerras anunciam o fim de uma esperança dignamente sonhada, quando crianças e idosos indefesos têm suas vidas ceifadas por atitudes resultantes da brutalidade humana. Dão à luz a fome que consome impiedosamente vidas indefesas, a viúvas e órfãos abandonados, que não puderam se despedir dignamente dos seus mortos, e as doenças que se alastram como praga a consumir vidas inocentes.

Infelizmente, desde os tempos antigos os reinos do mundo promovem a guerra, por profundo amor ao poder. Ao longo da história, impérios sobem, impérios descem sempre anunciando um fim de um tempo e o início de outro, com promessas de prosperidade e conquistas. O próprio povo de Israel viveu com tais sintomas de prosperidade, quando passou a ouvir os falsos profetas, achando que o período pós-exílio seria o início de um novo tempo, sem império a controlá-lo. Pura ilusão!

Profetas como Zacarias e Ageu, denunciaram tais promessas, dizendo que o andar com Deus exige mudanças radicais, porém, não isentas dos sintomas de guerras presentes em toda a história humana.

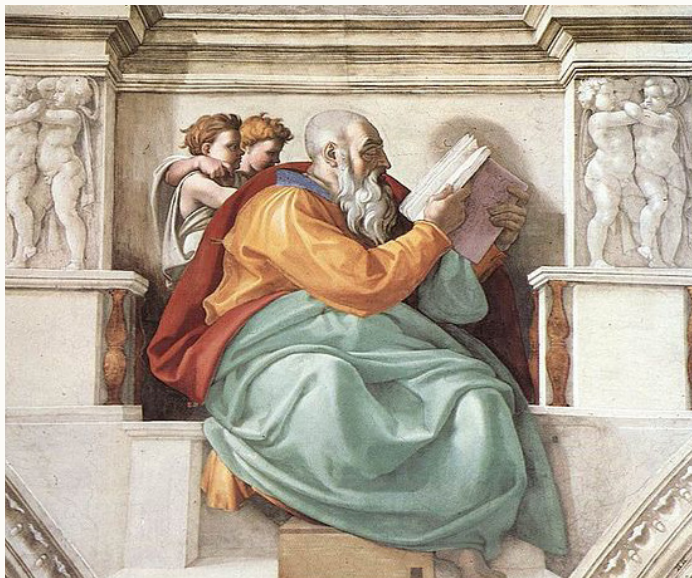
Jesus, em sua infinita sabedoria, alertou os seus discípulos sobre a vigilância em relação, não apenas ao presente, mas também quanto ao futuro. O Mestre tinha consciência de que a sua Igreja, não apenas ouviria rumores de guerra, mas vivenciaria os horrores da guerra.

A Igreja é chamada a anunciar o Shalom divino, sabedora de que a paz de Cristo não anuncia apenas ausência de guerras, mas também a convicta esperança de que em

Cristo o nosso futuro está garantido. Muito mais do que um sinal do fim, devemos anunciar a mensagem do evangelho que nos conduz à eternidade com Cristo, na certeza de que Ele voltará para buscar a sua Igreja, no tempo predeterminado por única e total exclusividade do Pai. Oremos pela paz! ■



REV. SILAS DE OLIVEIRA
Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo



PROFETA ZACARIAS.

Detalhe do teto da Capela Sistina, pintura de Michelangelo, 1509.

“Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (Atos 1.7).

Ódio e rancor: como lidar com os conflitos internos

Vivemos tempos em que o ódio e o rancor estão presentes em nossas relações. Em uma sociedade polarizada, marcada pelo estigma do “nós contra eles”, as pessoas promovem o ódio e a intolerância contra irmãos e irmãs. A pergunta que fica é: não fomos todos nós, seres humanos, criados por um mesmo Deus?

Partindo do princípio de que Deus criou tudo, por que existe tanto ódio e ameaças à vida? Devemos agir firmemente contra a perseguição, o ódio e os danos à vida de nossos semelhantes. Precisamos refletir sobre o fato de o discurso de ódio atrair tanto as pessoas. Atrai porque em cada indivíduo existe essa essência do mal. Portanto, em nós habita também o pecado (cf. Romanos 7.17).

Nosso exercício aqui consiste combater a cultura do ódio e, sobretudo, tratarmos do sentimento que perdura em cada ser humano, provocando repulsa. O evangelho de Jesus Cristo contrapõe a violência e a intolerância. Lendo os ensinamentos de Jesus, colocamos um basta na troca de acusações, na fala violenta e na incitação das massas, já tão influenciadas pela falta de compreensão com o próximo.

Tratando das reações aos nossos sentimentos, admitimos nossas ambiguidades. Talvez quem melhor exemplifique essa condição seja o apóstolo Paulo: **“Porque não faço o**



A MULHER ADÚLTERA. Pintura de Sebastiano Ricci, 1702 alusiva à passagem de João 8:1-11.

bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7.19).

No evangelho de Mateus 7:1-5, temos ricos ensinamentos de Cristo que nos auxiliam na prática da paz e da tolerância, atitudes que contrariam o ódio e a raiva. Os cristãos são aqueles que nunca escolhem a violência como forma de resolver seus conflitos. Para nos ajudar, temos duas importantes lições a fim de evitar nossas reações agressivas:

1. Não devemos julgar: **“Não julgueis, para que não sejais julgados”** (Mateus 7.1). A orientação consiste em exercitar a temperança, calma no olhar para conosco mesmo e para com as outras pessoas. Não é a nossa função o julgar.

2. Analise primeiro a sua vida e conduta antes de falar sobre a pessoa próxima: **“Hipócrita! Tire pri-**

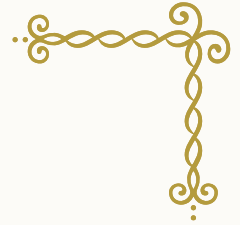
meiro a trave do teu olho...” (Mateus 7.5b). A única coisa que conseguimos mudar é a nossa própria vida e, conseqüentemente, as nossas atitudes. Não queira mudar o outro.

Enfim, é necessário aprender a dialogar com as diferenças. Jesus e seu evangelho nos ensinam que, cuidando de nossas contradições, certamente saberemos lidar melhor com os outros. ■



REV. LUCAS SACCO
Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

*“Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”
(Romanos 7.19)*



Orações pela paz

Senhor; guia-nos sempre no sentido de promovermos a paz. Sabemos, Senhor, que a paz é processo sempre em construção, e deve estar ligado ao desejo que se realiza passo a passo. Nós, teus filhos e tuas filhas, caminhamos à luz do teu evangelho, que nos ensina a sermos tolerantes e compreensivos, provando sempre da esperança que nos motiva.

Santo Espírito de Deus, Tu que sondas nossas mentes e corações, ajuda-nos a desvendar a beleza de nossa relação contigo, para que, assim, aprendamos a amar mais profundamente a todos os seres e a criação inteira.

Olhamos para Deus Pai, o criador de todas as coisas, que nos formou para a harmonia universal; confiamos na força do Espírito Santo, que nos entrelaça em unidade; e nos rendemos ao amor incomensurável de Cristo Jesus, que se entregou por nós, desejosos de sermos portadores da paz.

Oramos em nome de Jesus Cristo, o príncipe da paz. Amém!



REV. SILAS DE OLIVEIRA
Pastor auxiliar
da Primeira
Igreja Presbiteriana
Independente
de São Paulo

Senhor, a tua palavra nos ensina que tu és o Príncipe da Paz. Nela cremos, e em ti confiamos. Confiamos que és o único que verdadeiramente podes promover a paz entre os homens. Não há paz longe da tua presença, longe do teu cuidado e orientação. Há guerras por todos os lados, porque aqueles que tu criaste à tua imagem e semelhança, se rebelaram contra ti, feriram a tua perfeita criação e decidiram viver como se fossem verdadeiros deuses.

Nossos corações são contaminados pelo pecado, e tendenciosos à promoção da guerra. Nossos pensamentos, gestos e atitudes dão luz a reações intempestivas. Nos voltamos contra a tua palavra que nos ensina que o caminho da felicidade deve ser trilhado através da promoção da paz.

Pecamos contra a tua vontade, ofendemos os teus ensinamentos e promovemos o reino da morte, ao invés de gerarmos no seio da sociedade o reino da vida. Por isso, suplicamos o teu perdão. Ensina-nos a promover a paz neste mundo dominado por guerras sem fim. Guerras que explodem diariamente em nossas famílias, que consomem nossas amizades, que destroem a comunhão do teu povo e que fazem crescer a cada dia, mais e mais, sentimentos de rancor e ódio que sufocam a beleza da tua criação.

As guerras, Senhor, destroem tudo aquilo que de belo tu criastes. Por consequências das guerras, a natureza geme, fazendo gemer também toda a tua criação. Suplicamos, ó Pai, que ao invés de bombas que explodem a cada dia, destruindo o mundo que criaste, possamos produzir em quantidade insuperável os frutos do teu Espírito, onde a paz estará presente, e a verdadeira vida nunca faltará.

Usa-nos como instrumentos da tua paz, para que com alegria e gratidão possamos dizer como o salmista, que em nossa pátria e planeta "a justiça e a paz se beijaram".

Assim oramos, em nome de Cristo Jesus, o Príncipe da Paz. Amém!

REV. LUCAS SACCO
Pastor auxiliar
da Primeira
Igreja Presbiteriana
Independente
de São Paulo



Santo Deus, nosso eterno Pai de amor, nós te louvamos porque, na tua infinita bondade, Tu nos concedes a paz de Cristo Jesus. É no teu Filho que somos abençoados com a paz que o mundo não pode dar, com a paz que excede todo nosso entendimento. Vivemos no mundo tomado por tantas guerras, as quais resultam em sofrimento, dor e morte. Muitas vezes cultivamos a inimizade e agimos desrespeitosamente, contribuindo assim com violência. Muitas vezes, falta-nos a paciência e a sabedoria para vivermos em amor e sermos pacificadores, como é tua vontade. **Perdoa-nos, Senhor. Abre os nossos olhos e o nosso entendimento para crermos, do fundo do nosso coração, que a tua vontade é o melhor caminho a seguir e, neste sentido, que o teu Santo Espírito nos encoraje e nos capacite a ser promotores da Tua paz.** Fica conosco e nos abençoe Senhor. Em nome de Jesus Cristo, teu Filho, que oramos.

Amém!



REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor titular da
Primeira Igreja
Presbiteriana
Independente
de São Paulo

Deus Pai, Filho e Espírito Santo, oramos para que haja paz no mundo, a começar em nós, pois todos somos teus filhos e filhas. Juntos, precisamos caminhar na paz que só provém de Ti. Oramos para que sejamos pacificadores, amado Deus, e te pedimos que nos ajude e instrua na construção de pontes onde há divisões. **Pedimos-te que nos faça agentes da paz onde há guerra. Suplicamos-te, ó Deus, que nos ajude a dar voz aos que não têm voz em meio aos conflitos; onde existe divisão, que haja a mensagem da paz para a união dos povos; onde tem contenda, haja o bálsamo do teu Espírito consolador e vivificador;** onde há qualquer semente de confusão, que o Senhor nos ajude a ser agentes do diálogo que promove a paz e que seja a paz que vem de Ti a florescer em nossa sociedade. Oramos em nome do teu Filho amado Jesus, que é o Príncipe da Paz e nos encoraja biblicamente na busca pela Paz.

Amém!



FELIPE COUREL
Licenciado para o
ministério pastoral.

Éramos duas:
Francisca Franco
e Mary Speers.

Unimos forças e
nos tornamos uma.



FUNDAÇÃO
PRESBITERIANA
de São Paulo

Resgatando o
ser humano
com dignidade.

Escaneie o QR CODE e conheça
a história da criação da mais
nova fundação de São Paulo!



JUNTAS, SOMOS MAIS FORTES

A FUNDAÇÃO PRESBITERIANA DE SÃO PAULO É RESULTADO DA INCORPORAÇÃO DA FUNDAÇÃO MARY HARRIET SPEERS À FUNDAÇÃO FRANCISCA FRANCO, ATO QUE SE CONSOLIDOU EM DEZEMBRO DE 2021.

A UNIÃO DE FORÇAS POSSIBILITOU SIGNIFICATIVA EXPANSÃO DA ATUAÇÃO NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, ALCANÇANDO PÚBLICO MAIOR.

Texto **Dorothy Maia**

Meu nome é Fundação Francisca Franco, mas pode me chamar de Fundação Presbiteriana de São Paulo. Adotei este nome recentemente, mas minha história remonta a aproximadamente sete décadas, tempo suficiente para ter acumulado muita experiência no cuidado de pessoas em situação de vulnerabilidade social, fazendo a diferença na vida de centenas de indivíduos de diversas faixas etárias e seus familiares. Estou sob a liderança de homens e mulheres que compõem meu Conselho Curador, os quais são indicados pela Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

Se a Fundação Presbiteriana de São Paulo fosse uma pessoa física, talvez se apresentaria desta forma. Mas, como instituição do Terceiro Setor, é pessoa jurídica e tem sido muito bem cuidada pela Primeira Igreja, em cumprimento à vontade dos instituidores que lhe deram vida: Sr. Isaac e dona Odila Franco e dona Mary Harriet Speers.

A Fundação Presbiteriana de São Paulo é resultado da incorporação da Fundação Mary Harriet Speers à Fundação Francisca Franco, ato que se consolidou em dezembro de 2021. A união de forças possibilitou significativa expansão da atuação no âmbito da assistência social, alcançando público maior.

A decisão de unir as duas fundações foi pautada em acurada análise de possibilidades que se estendeu ao longo de aproximadamente sete anos. A identificação de sinergias e complementaridades entre as áreas de atuação de cada fundação foi um dos motivos, mas não só este. O fato de a Primeira IPI de São Paulo ser a responsável por escolher os conselhos de curadores de cada uma delas foi outro ponto importante na estratégia, que, aliás, é como se trabalha no mundo corporativo do Terceiro Setor. Vale lembrar que todo o processo contou com assessoria jurídica das organizações envolvidas e aval do Ministério Público do Estado de São Paulo. ■

Um breve histórico das Fundações

A Fundação Francisca Franco foi constituída em 23 de dezembro de 1954, por vontade e iniciativa do casal Isaac Virgílio Franco e Sra. Odila Vieira Lago Franco. É uma fundação de Direito Privado, sem fins econômicos ou lucrativos e de natureza filantrópica, de interesse público e social. O nome da instituição foi escolhido em homenagem à memória da mãe do sr. Isaac, sra. Francisca Franco.

A Fundação Mary Harriet Speers foi organizada em 07 de outubro 1982 e constituída por testamento de sua instituidora, sra. Mary Harriet Speers, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral do indivíduo e da sociedade, por meio da educação, da assistência social, da inclusão social e do desenvolvimento sustentável.

Ao longo de seus 70 anos, a Fundação Francisca Franco acumulou bonito legado de serviços sociais dirigido à população da cidade de São Paulo. Da mesma forma, a Fundação Mary Harriet Speers, cuja história remonta a quase quatro décadas, deixou herança exemplar de ações relacionadas a educação, cultura e cuidado voltadas para população em situação de vulnerabilidade social em regiões de todo o Brasil.

Traçado este breve histórico, fica mais fácil entender os objetivos sociais da Fundação Presbiteriana de São Paulo: a promoção de atividades e ações de relevância pública e social, voltadas à assistência social e a ações de caráter educativo, cultural e científico, de meio ambiente. A finalidade é sempre oferecer melhor condições de vida da população em situação de vulnerabilidade social, tendo como público-alvo crianças, adolescentes e sua família.

ACESSE O SITE Aponte o celular para o QR-Code e acesse o site da Fundação Presbiteriana de São Paulo.



PROJETOS E SERVIÇOS

Os serviços, projetos ou programas patrocinados pela Fundação Presbiteriana de São Paulo estão de acordo com a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais.

A instituição conta com parcerias, convênios com o poder público municipal; parcerias e doações de empresas, de Organizações da Sociedade Civil, de entidades do Terceiro Setor e de pessoas físicas e recursos próprios. Beneficia-se também de recursos da Campanha da Nota Fiscal Paulista.

Atualmente, a Fundação tem capacidade para atender diretamente 410 usuários mensalmente nos serviços ofertados. Indiretamente, esse número aumenta para 1750 pessoas, aproximadamente, uma vez que as famílias também são alcançadas.

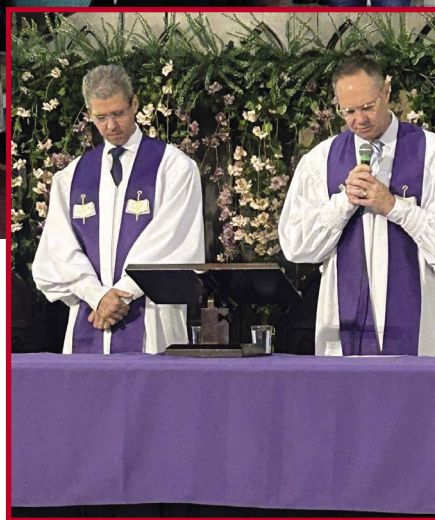
Parte do público atendido é composto por crianças e adolescentes, de ambos os sexos, em situação de vulnerabilidade e risco social ou que sofreram com violações de direitos. A instituição fornece, também, assistência a mulheres em situação de vulnerabilidade e de risco pessoal e social, contemplando a situação de risco de morte ou ameaças em razão da violência doméstica e familiar, acompanhadas ou não de seus filhos, inclusive casos de medidas protetivas da Lei Maria da Penha. E, ainda, numa iniciativa mais recente, passaram a ser atendidos indivíduos ou famílias em situação de rua, que têm seus direitos violados e que utilizam espaços públicos como meio de moradia e/ou de sobrevivência. As pessoas idosas e estudantes do ensino de pós-graduação fazem parte de projetos socioassistenciais complementares aos serviços tipificados.

A criação da Fundação Presbiteriana de São Paulo representa um marco importante na história das organizações do Terceiro Setor e entidades religiosas no Brasil. Esse marco simboliza não apenas a continuidade das missões das fundações originais, mas também a promessa de impacto ainda mais significativo na sociedade paulistana por meio da ação de uma entidade robusta e comprometida com os mais caros valores do Reino de Deus e com a promoção do cuidado integral dedicado ao ser humano.

(Com participação do Rev. Paulo Eduardo Cesquim, Presidente da Diretoria da Fundação Presbiteriana de São Paulo)



MOMENTO DE GRATIDÃO A liderança e os colaboradores da Fundação Presbiteriana de São Paulo participaram de momento especial de gratidão no culto matutino do dia 16 de março de 2024, mês em que a Catedral Evangélica comemorou 159 anos de existência. Na ocasião, a Fundação mostrou como ficou a configuração dos projetos sociais após a união da Francisca Franco com a Mary Speers. Rev. Paulo Cesquim, presidente da diretoria, fez oração de gratidão a Deus pela existência desta importante instituição.



Missão, visão, valores e princípios cristãos

MISSÃO:

Acolher, educar e profissionalizar, resgatando o ser humano com dignidade.

Visão: Excelência na transformação de vidas em situação de vulnerabilidade.

VALORES E PRINCÍPIOS:

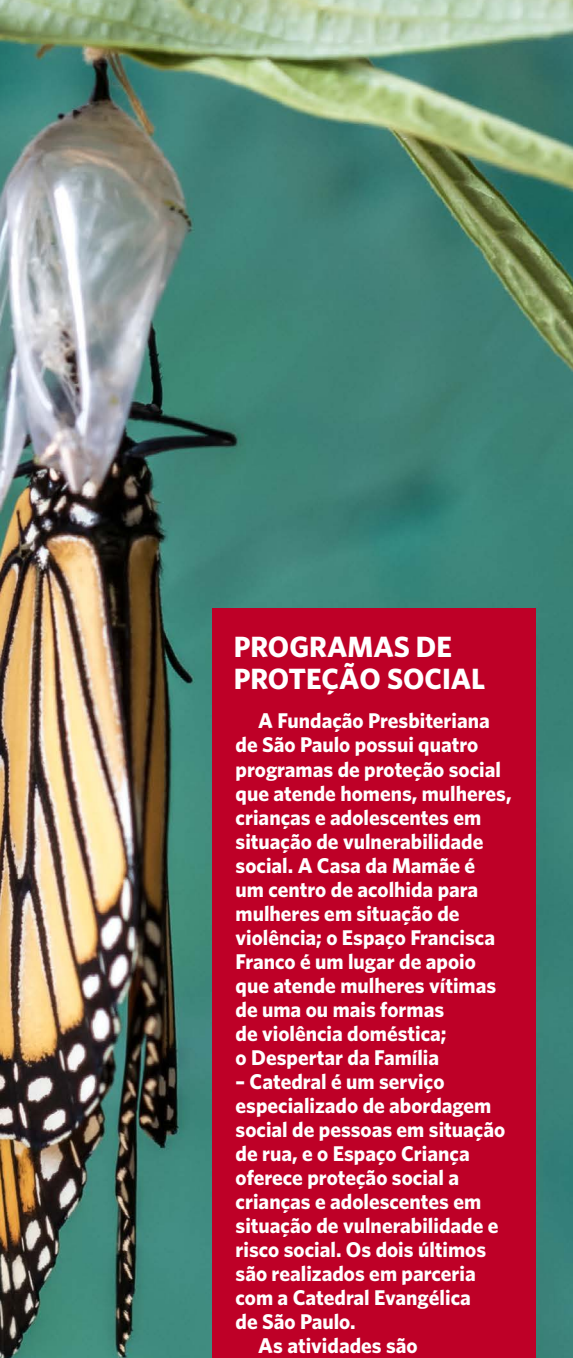
- **Responsabilidade Social:** redução das desigualdades e resgate da cidadania;
- **Respeito:** prioridade ao ser humano e seus direitos;
- **Comprometimento:** com a transformação de vidas;
- **Acolhimento:** carinho e compreensão das necessidades;
- **Seriedade:** assertividade e integridade;
- **Excelência:** eficiência e eficácia na gestão e no atendimento.

VIDA NOVA

O QUE FAZ UMA PESSOA PEDIR A DEUS QUE LHE
TIRE A VIDA? É DIFÍCIL ENCONTRAR RESPOSTA
ACEITÁVEL PARA ESTA PERGUNTA, PORÉM,
O PEDIDO É COMUM ENTRE AS PESSOAS QUE
SOFREM COM DEPENDÊNCIA QUÍMICA.

Texto Dorothy Maia

As drogas, tanto as chamadas “lícitas”, como cigarro e álcool, como as ilícitas, adoecem o corpo e a alma, destroem famílias, acabam com carreiras, minam o sentido de valor próprio e levam os usuários a pensar que só lhes resta a morte. São essas pessoas o alvo do Projeto Despertar da Família, mantido pela Fundação Presbiteriana de São Paulo em parceria com a Catedral Evangélica de São Paulo. Graças a este importante trabalho, histórias impactantes e de muita dor, como as de Mauro, Jefferson e Carlos, podem ser mudadas, ressignificando vidas. Vamos apresentá-los. ■



PROGRAMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL

A Fundação Presbiteriana de São Paulo possui quatro programas de proteção social que atende homens, mulheres, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A Casa da Mamãe é um centro de acolhida para mulheres em situação de violência; o Espaço Francisca Franco é um lugar de apoio que atende mulheres vítimas de uma ou mais formas de violência doméstica; o Despertar da Família - Catedral é um serviço especializado de abordagem social de pessoas em situação de rua, e o Espaço Criança oferece proteção social a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social. Os dois últimos são realizados em parceria com a Catedral Evangélica de São Paulo.

As atividades são diferentes para cada público, mas em todos os programas, além de ações específicas visando ao atendimento de necessidades básicas, também são fornecidas informações sobre direitos e cidadania. O objetivo é favorecer a autonomia e o protagonismo, e promover o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Carlos



Carlos ou Cacá, como é chamado, como muitos adolescentes, queria ganhar seu próprio dinheiro. Com 16 anos, tinha sonhos, e a independência financeira fazia parte deles. A oportunidade surgiu num bar, para ser ajudante. O pagamento não era muito bom, então o complemento era em bebida. Porém, o “aumento salarial” não era em dinheiro e sim em cachaça. As poucas doses na semana subiram para muitas durante o dia, a semana inteira. Dominado pelo álcool, mudou para outros empregos e chegou a ser ajudante de mecânico numa oficina na Av. Duque de Caxias, no centro da cidade de São Paulo, na região do Bairro da Luz, conhecido por sediar a Cracolândia; ali teve acesso ao crack. Durante seis anos trabalhou na oficina mecânica, recebia R\$ 300 por semana e gastava tudo em droga. Chegava no trabalho sujo, malcheiroso; ficava sem-graça e a culpa o levou a pedir demissão do emprego. Já não tinha casa e agora, nem trabalho. O dono da oficina até foi buscá-lo na Cracolândia, ofereceu ajuda, mas ele não aceitou. Durante os 21 anos que viveu nas ruas, Carlos somou muitas histórias, que não caberiam em uma edição inteira da revista Visão: catou latinhas, foi para muitas clínicas de reabilitação, ficou internado na cidade de Campos do Jordão, por causa de uma tosse que permanece até hoje, parou e voltou para as drogas muitas vezes. Em diversas ocasiões recusou ajuda por não acreditar na bondade humana. Desalentado, esperava a morte. Chegou até a frequentar uma igreja, mas saiu porque “pediam muito dinheiro”. Um dia, foi abordado pelos educadores do Despertar da Família, quando se encontrava debaixo da marquise

do Teatro Cultura Artística. Ouviu o convite para participar dos grupos e, se desejasse, teria tratamento. Não quis. Algum tempo depois, lá estavam os educadores do Despertar novamente fazendo o convite e ele resolveu “pagar pra ver”. A equipe do Despertar o acolheu e cuidou dele, levando-o para um abrigo, o ajudou com documentos, atendimento na área da saúde e com psicóloga.

Carlos diz que, diferentemente das outras vezes, “vou pegar esta oportunidade e não vou soltar mais, porque aqui eu sou ouvido, respeitado”.

Aos 44 anos, dos quais 21 de vícios, Carlos sonha voltar a trabalhar, retornar para a sociedade, quer estudar mecânica, e quem sabe voltar a encontrar os sete irmãos. Não tem esperança de encontrar a mãe que, imagina, deve ter morrido, pois sofreu tanta violência doméstica que enlouqueceu e também foi parar na rua, onde a viu pela última vez. De todas as histórias que viveu, uma não sai de sua lembrança: numa noite chuvosa, não percebeu e começou a caminhar no meio da rua e quase foi atropelado. O pior não aconteceu porque uma moça (“seu nome seria Eliana?”) salvou sua vida, conversou com ele, disse-lhe coisas boas que nunca havia ouvido, comprou-lhe um lanche e uma Coca-Cola, interessou-se por sua história e lhe afirmou: “Jesus te ama”.

Jefferson



“O mundo virou as costas para mim.” Esta é a percepção de quem é dependente químico e não consegue reagir, pelo contrário, afunda-se nos vícios. Esta era a impressão de Jefferson quando chegou no limite da sua capacidade de suportar humilhação e desprezo, mesmo nunca tendo chegado a viver em situação de rua. Caía na calçada, sim, depois do excesso de bebida, mas ainda lhe restava alguém da família que lhe dava pouso e comida, o que de certa forma o faz um privilegiado nesse universo de degradação. Jefferson começou a fumar aos 14 anos. O pai era fumante. No início, usava, escondido, as bitucas deixas pelo pai, mas depois teve seu consentimento. Do cigarro para a bebida foi um passo. As más companhias se encarregaram de apresentar-lhe a maconha, e o desejo por mais sensações o levou para a cocaína. Trabalhava, tinha amigos, namorada e, seguro de que tinha o controle da situação, bebia e usava mais droga. Jefferson, que sempre fora uma pessoa pacata, tornou-se agressivo. **“Eu mesmo não me reconhecia mais.”** Perdeu o casamento, ficou longe dos filhos, dos amigos, e começou uma via sacra por clínicas de tratamento, onde era internado contra sua vontade e que só lhe deixaram marcas físicas, devido às surras, e emocionais. A última que frequentou foi a gota d’água, era uma instituição clandestina, onde permaneceu por sete meses; sofreu muito e quando saiu só pensava em não ter de voltar para lá nem para nenhum outro lugar de reabilitação. Mal sabia ele que, alguns meses depois, estaria nas reuniões do Despertar, sendo acompanhado pela equipe. Jefferson agora tem sonhos, quer voltar a trabalhar, hoje é pintor na área da construção civil. Deseja contar sua experiência, dar testemunho, embora ainda sinta medo de ter uma recaída.

“Deus está me fazendo entender que minha mudança deve ser mostrada para outros. Nas reuniões do Despertar, muitos me falaram que eu sou um incentivo, pois não cheguei a viver nas ruas e já faz um ano e três meses que estou limpo. Eu nunca tinha ouvido isso, jamais imaginei que seria modelo para alguém. Percebo que agora há uma luz no fim do túnel. Peço a Deus que me ajude, que coloque pessoas boas no meu caminho. Se for para eu ser um exemplo, que Ele me ajude a seguir em frente.”

Mauro



Quando Mauro foi abordado pela equipe do Despertar na fila da entrega de comida no Vale do Anhangabaú estava totalmente sem esperança por uma vida melhor: **“Eu desejava a morte, pedia a Deus por ela”**. Estava envolvido com drogas e álcool há 38 anos e há quatro vivia em situação

MUITO ALÉM DA CESTA BÁSICA

Em julho de 2024, o projeto Despertar da Família - Catedral completou três anos de existência. Nasceu em plena pandemia de Covid, quando a liderança da Primeira Igreja foi instada a agir diante das grandes dificuldades das pessoas pobres da região do seu entorno. O bairro onde a igreja se encontra sempre teve elevado número de pessoas em situação de rua, assim como outras áreas do Centro de São Paulo, mas nos anos de pandemia isso aumentou muito. A parceria com a Associação Despertar da Família, que em 2024 completa 31 anos, abriu a possibilidade de a igreja dar atenção especializada a esta população com demandas tão peculiares. O projeto engrenou, cresceu e, em 2023, passou a ser administrado pela Fundação Presbiteriana de São Paulo, profissionalizando todo o processo.

Mas não foi apenas o Despertar da Família - Catedral que cresceu no período de pandemia. As solicitações ao MASD também aumentaram.

“O MASD trabalha com situações de risco, às vezes complexas, e ao mesmo tempo precisamos encontrar motivação para servir. Onde conseguimos isso? Por meio

de rua. Com 55 anos, passou a maior parte de sua existência no vício, embora lutasse para sair dele. Já havia se separado da esposa, não viu o filho crescer, não seguiu os ensinamentos que aprendeu na igreja em que a mãe o criou. Ainda pequeno teve acesso à bebida e trilhou o caminho que muitos fazem: do álcool para as drogas e daí para o nada, com num salto com um paraquedas que não abre. **Há sete meses, Mauro aceitou o convite dos educadores do Despertar.** Mesmo sem acreditar - já que havia passado por muitas outras instituições de recuperação -, deixou-se conduzir pelos educadores e participou da primeira reunião. Levaram-no para o abrigo parceiro e, enquanto aguardava novos documentos, foi acompanhado ao oftalmologista do serviço público de saúde e fez um novo óculos. Seus olhos se abriram para a

vida, foi para a chácara do Despertar, superou as primeiras crises de abstinência e alçou a terceira fase do acompanhamento, aquela em que o acolhido mora numa casa do programa até obter seu próprio local de moradia, o que para Mauro já é uma realidade. Voltou a trabalhar no mesmo emprego que tinha antes de viver na rua e ocupa o mesmo cargo, na área de Segurança. Encontrou o único filho, de 30 anos, que achava que o pai havia morrido. Mauro agora tem um netinho para amar e ver crescer.

.....
**“A luta é diária, não é fácil.
Cada dia que anoitece ou
amanhece eu agradeço a Deus.
Cada dia é uma vitória.”**

do autocuidado e do relacionamento saudável entre irmãos de fé”, explica o Rev. Lucas Gaiofato Sacco, pastor auxiliar responsável pelo acompanhamento do MASD. **“Acolhimento social na igreja é fazer-se irmão das pessoas. Não damos conta de resolver tudo, mas podemos entender e acolher. Só em ouvir as queixas já proporcionamos alívio e a importância de cada vida”,** complementa.

Na Primeira Igreja, uma forma de ampliar o cuidado com a população carente foi a opção por ter uma assistente social que entenda tecnicamente as demandas de cada pessoa. Não é só entregar cesta básica, é ir além na compreensão das necessidades dos acolhidos. “A assistência social praticada pelas igrejas carece de conhecimento técnico para estabelecer critérios de ajuda. Aqui em nossa região a demanda é grande, precisamos ponderar sobre quem precisa mais. E como entender isso? O Serviço Social responde a esta pergunta com avaliação socioeconômica para reconhecer quem precisa mais. Muitos precisam, mas alguns precisam mais por estarem totalmente desassistidos pelos programas públicos”, afirma a Reverenda Tatiana Matos, assistente social que auxilia o MASD. Ela conversa com todas as 63 famílias acolhidas pela Primeira Igreja e faz encaminhamentos para defensoria pública da união, orienta sobre direitos e auxilia os que precisam de atendimento de serviços públicos como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Programa Operação Trabalho

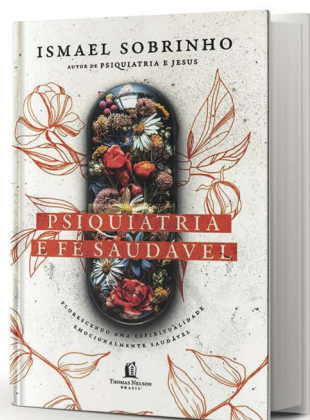
(POT), Benefício de Prestação Continuada (BPC) etc.

Antonia, de 45 anos, tem três filhos e o mais novo é especial. Quando perdeu a bolsa de estudo dele foi a assistente social da igreja que a ajudou a encontrar nova escola. Antonia não tem condições de trabalhar porque, além de cuidar do filho, sofre com fibromialgia e hérnia de disco. A cesta básica que recebe da igreja é fundamental para a sobrevivência de quem tem que pagar aluguel e manter a casa. Quando vem retirar a doação, sente-se amada e cuidada pelas diaconisas e pelos diáconos. Percebe-se importante para Deus e sempre aceita a oração do Rev. Lucas: **“Deus nos dá força para continuar na luta”.**

Marinete, de 60 anos, cuida de três netos. Trabalha como massagista domiciliar, mas desde a pandemia “a clientela diminuiu muito”. A cesta básica que recebe da igreja é ajuda relevante. Quando não está em atendimento, ocupa-se com os cuidados dos netos, todos em idade escolar. O pouco dinheiro que recebe de atendimentos esporádicos e Bolsa Família mal dá para cobrir as despesas da casa. Por isso valoriza a atenção que recebe do MASD. Sabe que os diáconos e as diaconisas se importam com ela e sua família. “Há pouco tempo até uma cama para as crianças eu ganhei”, revela.

“Não sabemos o quanto nossa ajuda representa na vida das pessoas, mas sabemos o que ajudar as pessoas representa na vida da igreja, que é o exercício do que Cristo nos ensinou”, finaliza Rev. Lucas.





PSIQUIATRIA E FÉ SAUDÁVEL

Ismael Sobrinho

O autor aborda com objetividade e didatismo alguns temas complexos, urgentes e necessários em nossa sociedade, na perspectiva da vida cristã. Os transtornos ligados à saúde mental estão cada vez mais frequentes e em pauta, de modo que há muitas teorias, estudos, recomendações, materiais de autoajuda, mas poucos como o que Ismael Sobrinho preparou nessa obra. O livro contempla 5 partes: (i) compreendendo o caminho das emoções saudáveis; (ii) as emoções e o relacionamento com Deus; (iii) comunidades que adoecem; (iv) a espiritualidade cristã e os transtornos mentais, e (v) a caminhada terapêutica de Deus. Pelo fato de o livro não ser técnico (mas ter sido escrito por um psiquiatra experiente) e não ser teológico (mas ter sido escrito por alguém que tem experiência cristã), a leitura é de fácil manejo e de prazeroso conhecimento. É uma leitura oportuna e recomendável tanto às pessoas que sofrem de questões de saúde mental, como aos seus familiares, amigos, irmãos, além, é claro, de pessoas apenas interessadas na temática, todos em busca do equilíbrio e das bençãos de Deus em meio a tais sofrimentos.

R\$ 55 na amazon.com



JOSUÉ: UMA JORNADA ÉPICA DE LIDERANÇA, O SEU LEGADO COMEÇA AGORA!

José Roberto Cristofani

A história de Josué se apresenta como um verdadeiro manual de liderança cristã, segundo o autor, que preparou essa obra destinada tanto a liderança da igreja, quanto aos membros que estão sob seus líderes ou que são potenciais líderes. Com um olhar profundamente teológico, mas de escrita simples, o autor trata da jornada de Josué em quatro pilares: formação, atuação, consolidação e avaliação do seu legado. Capítulo por capítulo o livro permeia essa história bíblica na perspectiva do líder em formação, o que torna esse material muito enriquecedor. É interessante que a leitura direciona o leitor a ter novas perspectivas, além das óbvias quando lemos e estudamos as histórias do povo de Israel. No livro se avalia a estratégia, a formação da liderança, os percalços pelos quais um líder passa, o direcionamento de Deus aos que em posição de liderança a Ele se submetem, dentre outras perspectivas e insights. Em suas "lições de liderança" o autor nos apresenta um material que de fato merece ser lido e estudado. Recomendo!

R\$ 75,70 na amazon.com

Transforme vidas com um simples gesto.

Uma única doação de sangue
pode salvar até quatro vidas.



Esse ato de solidariedade é
capaz de mudar o destino de
pessoas em momentos críticos.
Doe sangue hoje e seja a
esperança que alguém precisa.

www.prosangue.sp.gov.br



PRÓ SANGUE
HEMOCENTRO DE SÃO PAULO

Secretaria de
Saúde



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO



FATIPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

VENHA ESTUDAR

TEOLOGIA NA FATIPI



A FATIPI – FACULDADE DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO É UMA FACULDADE CENTENÁRIA E CONSTA ENTRE AS MELHORES INSTITUIÇÕES DE ENSINO TEOLÓGICO DO BRASIL, SEGUNDO O MEC.

POR QUE ESTUDAR NA FATIPI

- ✓ Bacharelado reconhecido pelo MEC;
- ✓ Mais de 30 polos do Curso EAD;
- ✓ Corpo Docente formado por Mestres e Doutores que são Pastores de igrejas;
- ✓ Consta entre as melhores instituições de Ensino Superior do Brasil;
- ✓ Capacitação a servir a Deus nos mais diferentes ministérios;
- ✓ Curso com profundo e sólido conhecimento da Bíblia, da história da Igreja e da Teologia

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EAD

- Capelania Cristã no Mundo Contemporâneo
- Bíblia: Pregação e Missão
- Cuidado e Aconselhamento Pastoral
- Revitalização de Igrejas

CURSOS DE EXTENSÃO EAD

- Cada Cristão um Evangelista
- Comunicação Digital e Missão
- Diaconia como Missão da Igreja
- Espiritualidade: em busca de plenitude
- Espiritualidade: Trabalho, Descanso e Dinheiro
- Exercendo o Presbiterato com Excelência
- Gestão Trabalhista e Previdenciária para Organizações Religiosas
- Igreja em Células
- Revitalização: liderança corajosa
- Secretariado na IPIB

BACHAREL EM TEOLOGIA
Presencial e EAD

PÓS-GRADUAÇÃO EAD
Lato Sensu

EXTENSÃO EAD
(Cursos livres com certificação)

FORMAÇÃO TEOLÓGICA
Formação pastoral e missionária

**TEOLOGIA NA FATIPI: MAIS QUE ESTUDO,
CRESCIMENTO E VIDA COM DEUS**



Memoranda



@fatipi_fecp



Facebook.com/fatipi



youtube.com/FATIPIweb

WWW.FATIPI.EDU.BR